

A LAVOURA

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 1897

ANO LXXVIII

JULHO/AGOSTO.75



Luiz Simões Lopes

Uma vida a serviço da Agricultura



B-300 ovos brancos

**A MAIOR POSTURA
DO BRASIL**

COOPERATIVA CENTRAL AGRÍCOLA DE SÃO PAULO
distribuidora exclusiva de matrizes para todo o Brasil

Av. Brigadeiro Faria Lima, nº 1.815 - 39 andar - conj. 32/34, Tel.: 211-8422 (PBX) "Coopcentro".
REVENDEDORES AUTORIZADOS

GRANJA KUNITOMO - Mogi das Cruzes-SP
GRANJA NAGAO S.A. - Mogi das Cruzes-SP
COOP. CENTRAL AGRÍCOLA SUL-BRASIL - São Paulo-SP
JOAQUIM CORREIA & CIA. LTDA. - Recife-PE
CIA. ALIMENTOS DO NORDESTE - Fortaleza-CE



Nossa Capa

A presença do Dr. Luiz Simões Lopes, Presidente da SNA, na capa desta edição de *A LAVOURA*, contrariando o sentido impessoal que o homenageado recomenda e adota nesta Casa, e que tem sido uma constante em sua já longa vida pública, é o mínimo que os seus companheiros do Conselho Superior e da Diretoria — os servidores e os associados que o reelegeram nas últimas eleições da Sociedade Nacional de Agricultura — poderiam fazer, para tornar público o reconhecimento de todos pelos relevantes serviços que o mesmo vem prestando há longos anos à nossa entidade.

Seguindo o exemplo do seu saudoso pai — **Ildefonso Simões Lopes** — o Dr. Luiz Simões Lopes não só não esconde como proclama, que o seu maior orgulho é pertencer a esta Casa. E este sentimento ele o tem demonstrado na prática, quer nos momentos favoráveis quer nas vicissitudes, e muito mais nestas.

Não se pode, em sã consciência, dissociar o nome do Dr. Luiz Simões Lopes do da Sociedade Nacional de Agricultura, tantas e tão grandes são as manifestações — palpáveis, concretas, marcantes — de sua presença nesta Casa. Desde a nossa magnífica sede, situada num dos logradouros mais valorizados da cidade do Rio de Janeiro, cujo terreno e financiamentos para as obras conseguiu junto ao inesquecível Presidente Getúlio Vargas, de quem foi um dos mais diletos e eficientes colaboradores, não há um só setor ou dependência da SNA — a biblioteca, a nossa revista, a Escola de Horticultura Wenceslão Bello e os demais — que não tenha recebido o seu mais decidido apoio.

Por tudo isto, é que *A LAVOURA*, pedindo desculpas ao Dr. Luiz Simões Lopes pela irreverência, pela "traição", dedica-lhe as capas externas deste número, reproduzindo na última as fachadas dos prédios que abrigam suas duas queridas instituições: a Sociedade Nacional de Agricultura e a Fundação Getúlio Vargas.

editorial

O Ministro da Agricultura anunciou em São Paulo o aumento da participação da agricultura nas exportações este ano. De 62% em 1974 provavelmente chegará aos 70%, representando o valor recorde de 7 bilhões de dólares. Essa expectativa demonstra o acerto da posição governamental de dar prioridade ao setor, procurando organizá-lo em moldes empresariais e concedendo-lhe recursos substanciais que só este ano chegam a quase Cr\$ 100 bilhões. Com isso, a agricultura terá condições de dar uma contra-partida eficaz, em termos de divisas, para equilíbrio de nossa balança comercial, sem prejuízo do abastecimento do mercado interno.

Importante frisar, como dado bastante significativo, o aumento percentual dos produtos agrícolas processados na pauta de exportação. É uma tendência que está merecendo apoio do Governo, tendo em vista o que representa de progresso a venda de manufaturados em vez dos produtos "in natura". Claro que estes ainda constituem o maior volume do total exportado. O tradicional café, a soja há pouco integrante da pauta, garantem essa posição. Mas já se nota uma elevação crescente da participação dos produtos processados, nas vendas externas. E, ao lado disso, a conquista de novos mercados para produtos tradicionais e de colocação de outros que ainda não temos tradição como exportadores.

A expectativa do aumento das exportações está na razão direta do esforço que se faz para fortalecer o setor agropecuário, para obtenção a curto prazo de uma maior produção sempre com níveis mais altos de produtividade. Paralelamente, o Governo procura aperfeiçoar a ação em um outro segmento fundamental do processo: a comercialização. Incentivando a organização de produtores, inclusive no setor do cooperativismo, buscando aproximá-los do consumidor, quer no mercado interno quer no exterior, ele está dando bom cumprimento a essa tarefa. Diga-se a bem da verdade, que tal ação não significaria tanto se não encontrasse, como ocorre, o entendimento dos homens da iniciativa particular. São eles, com efeito, os grandes responsáveis pelo êxito das medidas que o Governo adota para apoiar o setor. Plantando, colhendo, procurando comercializar bem seus produtos eles estão consolidando nossa posição de grande produtor e tradicional fornecedor de alimentos e matérias-primas de origem agrícola. Esse o espírito que deve prevalecer: o da ação comum, o do diálogo franco entre Governo e produtor para que o país possa firmar uma posição de privilégio nas relações comerciais com os demais países.

ALAVOURA

Órgão oficial da Sociedade
Nacional de Agricultura

A mais antiga e moderna revista agrícola
do Brasil

Circula desde 1897

ANO LXXVIII

1975

JULHO/AGOSTO

"A LAVOURA" — Fonte de informações da AGRIS — Sistema internacional de informações para ciências agrícolas e tecnologia (FAO-IICA-CIDIA).



DIRETOR
CARLOS ARTHUR REPSOLD

•
Redator-Responsável
RUFINO D'ALMEIDA GUERRA FILHO

•
Comissão Técnica
Luiz Guimarães Júnior
Charles F. Robbs
Jayme Lins de Almeida
Octavio Mello Alvarenga

Os artigos assinados são de inteira
responsabilidade de seus autores.

EXPEDIENTE

Redação e Administração:
AV. GENERAL JUSTO, 171 - 2º andar
- ZC-39 - RJ

CAIXA POSTAL: 1245 - RIO - RJ
FONES: 242-2981 - 242-7950

REPRESENTANTES:

Portugal: TROFA - João Correia;

São Paulo: REVESPE
(Rua Capitão Salomão)
40 - 1003 - SP.

COLABORADORES DA SNA

Geraldo de Oliveira Lira (Chefe da Secretaria);
Sylvia Maria da Franca (Bibliotecária-Chefe);
Carlos Alberto Soares (Publicidade); Jacira
Rocha de Araújo (Assistente de Secretaria);
José Marques Sarabanda (Correspondente);
Martha Nise R. de Brito (Protocolista-Arquivis-
ta); Dalvíno Antonio Cazzotto (Datilógrafo).



SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

(Fundada em 16-1-1897)

DIRETORIA

Presidente: LUIZ SIMÕES LOPES
1º Vice-Presidente: CARLOS HELVIDIO AMÉRICO DOS REIS
2º Vice-Presidente: KURT REPSOLD
3º Vice-Presidente: GILBERTO CONFORTO
4º Vice-Presidente: JOSÉ RESENDE PERES
1º Secretário: CARLOS INFANTE VIEIRA
2º Secretário: OCTÁVIO MELLO ALVARENGA
3º Secretário: JOÃO BUCHAUL
1º Tesoureiro: PAULO AGOSTINO NEIVA
2º Tesoureiro: JOÃO DE SOUZA CARVALHO
3º Tesoureiro: JOÃO CARLOS FAVERET PORTO

DIRETORIA TÉCNICA

Acácio Miguel Szechy
Aldo Alves Peixoto
Arthur Mendes de Castro Barbosa
Carlos Arthur Repsold
Fausto Aita Gai
Flávio da Costa Brito
Hélio Raposo
João Carlos de Souza Carvalho
José Antônio Christovão
Luiz Guimarães Júnior
Luiz Guimarães Neto
Otto Lyra Schrader
Paulo Augusto P. de Carvalho
Rubem Fontes Marsillac
Rufino d'Almeida Guerra Fº

VITALÍCIOS

Frederico Murtinho Braga
Otto Frensel

COMISSÃO FISCAL EFETIVOS

Amaro Cavalcanti
João Carlos Ferreira Campello
Arnaldo Melo Leitão

SUPLENTES

Syndoro Carneiro de Souza
José Teixeira Garcia
Adalberto da Silva Carneiro

SÓCIO CORRESPONDENTE EM PORTUGAL:

Dr. Domingos Rosado Victória
Pires

SÓCIO CORRESPONDENTE NO CANADÁ:

Dr. Francisco Soto Ravisé.

SUMÁRIO

Nossa Capa	1
Editorial	1
Eleições na SNA	3
Política de Preços Mínimos	7
Melaço - uréia	9
Tristeza ou podridão das radículas	11
Quem é o dono da pureza do ar	12
Amplio crédito para a pecuária	14
Ministério da Agricultura	17
Mosaico Cooperativista	19
CCPL entrega Troféus	22
Criação de rãs	24
Livros e Publicações	27
Teste de performance para suínos	28
As três sementes	32
PROAGRO: o que é isto?	33
Silagem	34
Presidente do Conselho da FAO	35
Beefalo	36
Programa Nacional de Saúde Animal	39
Notícias e Informações do Brasil	41
Notícias e Informações Internacionais	44

SNA elege e empossa dirigentes para o período 1975/79

Coordenação do Texto: R. D'Almeida Guerra Filho
Fotos: Odilon B. Lacerda

A reeleição do Presidente Luiz Simões Lopes - A escolha de Carlos Helvídio Américo dos Reis e José Resende Peres para Vice-Presidentes, juntamente com Kurt Repsold e Gilberto Conforto (reeleitos) - A aprovação unânime das contas, que apresentaram no disponível investimentos da ordem de Cr\$ 1 milhão e 400 mil.



OS ELEITOS – Da esquerda para a direita, Amaro Cavalcanti, João Carlos de Souza Carvalho, Rufino d'Almeida Guerra Filho, João de Souza Carvalho, Carlos Helvídio Américo dos Reis, Edgard Teixeira Leite (que presidiu a eleição), Luiz Simões Lopes, Kurt Repsold, Gilberto Conforto, Paulo Agostino Neiva, Carlos Infante Vieira, João Buchaul, Carlos Arthur Repsold, Hélio Raposo e Aldo Alves Peixoto.



VITÓRIA DA SNA – José Resende Peres cumprimenta e é cumprimentado pelo Presidente Luiz Simões Lopes, presente Carlos Infante Vieira. É o fortalecimento da Agricultura no novo Estado do Rio de Janeiro.

Dia 30 de junho último realizou-se, na forma estatutária, a eleição da Diretoria Executiva, Diretoria Técnica e Comissão Fiscal da SNA, para o período de 1.º de julho de 1975 a 30 de junho de 1979. Na ocasião, a Assembléia Geral Ordinária apreciou o relatório apresentado pelo Presidente Luiz Simões Lopes e o parecer da Comissão Fiscal sobre as contas do exercício de 1974, aprovando por unanimidade ambos os documentos.

No relatório ficou demonstrado que as atividades administrativas e financeiras da SNA "vão-se consolidando, tornando-se mais ordenadas e mais consistentes", registrando-se um significativo avanço em relação aos exercícios anteriores. Durante o período, foram elevadas a efeito várias iniciativas e realizações, sem prejuízo do atendimento dos vultosos compromissos financeiros decorrentes "dos graves e lamentáveis acontecimentos que prejudicaram sobremaneira todos os setores da nossa veneranda Sociedade, sobre os quais nos referimos sobejamente em nossos relatórios de 1970 para cá, com o objetivo de deixá-los registrados nos anais desta Casa, evitando-se assim, possível deturpação futura dos mesmos", segundo ressaltou o Presidente Luiz Simões Lopes.

Ajuste

No tocante às iniciativas tomadas pela Direção da SNA, o Presidente Simões Lopes destacou o "ajuste" firmado entre a Sociedade e a Secretaria de Educação do então Estado da Guanabara, com a finalidade principal de propiciar, a partir do ano letivo de 1975, cursos de habilitações profissionais de segundo grau, a alunos da rede de ensino estadual, cursos estes orientados para a agropecuária, administração, nutrição e contabilidade, proporcionando aos estudantes aprendizagem, qualificação, aperfeiçoamento e atualização, em ambiente adequado ao desenvolvimento daquelas atividades. Esclareceu na oportunidade, "que os cursos serão ministrados em dependências da Escola de Horticultura Wenceslão Bello, na Penha" e que, segundo prevê o ajuste, "laboratórios e oficinas serão reequipados pela Secretaria de Educação, a quem caberá, ainda, organizar os currículos e prestar a assistência técnica e pedagógica que se fizer necessária, nos termos da legislação pertinente". Adiantou, ademais, que foram reiniciados os cursos rápidos de práticas agrícolas (cursos avulsos) na EHWB, com a participação de 273 alunos, assim distribuídos: apicultura - 24; avicultura - 22; criação de rainhas - 19; horticultura - 28; fruticultura - 39; horticultura - 44; reflorestamento - 34; solos e adubação - 31; suinocultura - 32.

"Destques"

Sobre a promoção anual que a nossa revista vem realizando há dois anos, sublinhou o Presidente Luiz Simões Lopes que ganhou o prêmio **Destaque A LAVOURA** "consequência do êxito alcançado em 1973" quando foi instituído, transformando-se numa verdadeira Festa da Agricultura, de repercussão nacional, com reais benefícios para a SNA. Referiu-se, também, à evolução da nossa revista, à boa apresentação



PERES VOTANDO — Não obstante seus afazeres à frente da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do RJ, José Resende Peres não passou procuração a ninguém, vindo à sede da SNA votar e ser votado, elegendo-se Vice-Presidente (4.º) da entidade



DA FAZENDA PARA A URNA — Deixando por algumas horas a sua magnífica "Fazenda Capela de São Judas Tadeu", no próspero município fluminense de Casimiro de Abreu, João Buchaflor veio votar nas eleições da SNA.



COMO NOS VELHOS TEMPOS — O Dr. Edgard Teixeira Leite, Sócio Titular e membro do Conselho Superior da SNA, demonstra mais uma vez o elevado espírito associativista de que é possuidor, comparecendo e votando nas eleições da SNA, que acabou presidindo.

PRESIDENTE TAMBÉM VOTA — Sem "furar" a fila ou reclamar qualquer prioridade, o Presidente Luiz Simões Lopes colocou o seu voto na urna sob as vistas do atento escrutinador Paulo Agostino Neiva, eleito para o cargo de 1.º Tesoureiro da SNA.



e à excelente qualidade dos artigos, reportagens e noticiário que a mesma vem publicando, tornando-se um veículo de divulgação especializado dos mais solicitados em todo o País por técnicos, estudantes, empresários rurais, professores, cooperativistas, lavradores, criadores e instituições (públicas e particulares) de ensino, pesquisa e extensão rural, além de ampla circulação na cúpula administrativa da Nação. As sucessivas edições esgotadas de A LAVOURA — concluiu o Presidente da SNA — “são uma demonstração eloqüente da posição invejável que a revista desfruta”.

Biblioteca

A biblioteca da Sociedade atendeu a cerca de 700 leitores e fez empréstimos de livros a 133 instituições governamentais e privadas, recebendo da FAO — Organização de Alimentação e Agricultura, das Nações Unidas, o status de Biblioteca Depositária da Organização. Vale acrescentar — diz o relatório do Presidente Luiz Simões Lopes — “que somente duas outras bibliotecas brasileiras possuem esta condição (a Biblioteca do Congresso Nacional, em Brasília, e a do Banco da Bahia, em Salvador), que lhes assegura o recebimento automático de todas as obras editadas pela mencionada agência especializada da ONU”, informando que o acervo da antiga biblioteca do Escritório Sub-Regional da FAO no Rio de Janeiro, foi transferido por doação à Sociedade Nacional de Agricultura e incorporado à biblioteca da SNA.

Ao finalizar a leitura do relatório, o Presidente Simões Lopes agradeceu “o apoio e a colaboração inestimável” dos companheiros de Diretoria, dos servidores da SNA e do quadro social. E antes de passar a presidência da Assembléia ao Dr. Edgard Teixeira Leite, submeteu à Casa as contas do exercício de 1974, com o parecer favorável do Auditor, Prof. Américo Matheus Florentino, e da Comissão Fiscal, as quais mereceram aprovação unânime da Assembléia.



A REELEIÇÃO DE CONFORTO — Sob as vistas de Carlos Arthur Repsold, Gilberto Conforto deposita o seu voto na urna. Sua reeleição para 3º Vice-Presidente da SNA resultou do bom desempenho do mandato anterior e do apoio que, como Chefe de Gabinete do antigo Secretário de Agricultura da GB, emprestou à Sociedade.



LEITURA DO RELATÓRIO — O Presidente Luiz Simões Lopes submeteu o seu relatório à consideração da AGO, que o aprovou por unanimidade. À sua direita, o Secretário da SNA, Carlos Infante Vieira, e à esquerda, Paulo Agostino Neiva, que funcionou como um dos escrutinadores do pleito.



OS DESÍGNIOS DE DEUS — Pouco mais de um mês de tirada esta foto, em que Acácio Miguel Szechy aparece votando sob os olhares dos escrutinadores Carlos Arthur Repsold (sorrindo) e Paulo Agostino Neiva, a legenda brincalhona que pretendíamos fazer ceder lugar ao frio registro da sua morte prematura, vítima de um acidente automobilístico em sua faina de técnico e de responsável pelo principal Departamento da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro, o de Agropecuária. O companheiro, o de Agromineração ora pranteamos, fôra eleito para a Diretoria Técnica da SNA e já neste número de A LAVOURA publicamos a sua primeira colaboração (pág. 24), atendendo ao pedido que lhe havíamos feito.



NOVO COMPANHEIRO — A eleição de Carlos Helvídio Américo dos Reis para 1.º Vice-Presidente da SNA, foi recebida com grande euforia pelos laticinistas José Pereira Machado (da Cooperativa de Rio Preto), e Otto Frensel, Diretor do "Boletim do Leite" e membro vitalício da Diretoria Técnica da Sociedade.

Eleição

Por escrutínio secreto, a Assembléia votou na seguinte chapa, empossada na ocasião: **Diretoria Executiva** — Luiz Simões Lopes (presidente); Carlos Helvídio Américo dos Reis (1.º vice-presidente); Kurt Repsold (2.º vice-presidente); Gilberto Conforto (3.º vice-presidente) e José Resende Peres (4.º vice-presidente); Carlos Infante Vieira (1.º secretário); Octavio Mello Alvarenga (2.º secretário) e João Buchaul (3.º secretário); Paulo Agostino Neiva (1.º tesoureiro); João de Souza Carvalho (2.º tesoureiro) e João Carlos Faveret Porto (3.º tesoureiro). **Diretoria Técnica** — Acacio Miguel Szechy; Aldo Alves Peixoto; Arthur Mendes de Castro Barbosa; Carlos Arthur Repsold; Fausto Aita Gai; Flávio da Costa Brito; Helio Raposo; João Carlos de Souza Carvalho; José Antônio Christovão; Luiz Guimarães Júnior; Luiz Guimarães Neto; Otto Lyra Schrader; Paulo Augusto P. de Carvalho; Rubem Fontes Marsillac e Rufino d'Almeida Guerra Filho. **Comissão Fiscal** — Amaro Cavalcanti, João Carlos Ferreira Campello e Arnaldo Melo Leitão (efetivos), e Syndoro Carneiro da Souza, José Teixeira Garcia e Adalberto da Silva Carneiro (suplentes). Os associados Frederico Murtinho Braga e Otto Frensel, por contarem mais de dez anos como Diretores da SNA, foram declarados membros vitalícios da Diretoria Técnica, nos termos do Estatuto.



O VOTO DO REITOR — Após depositar seu voto na urna, o Magnífico Reitor da Universidade Federal Rural do RJ, Prof. Fausto Aita Gai, troca impressões com o Presidente Luiz Simões Lopes.



A VOZ DA EXPERIÊNCIA — Com uma bagagem apreciável, inigualável talvez, de cargos, funções e serviços (relevantes) à Agricultura brasileira, o Dr. Edgard Teixeira Leite conduziu os trabalhos eleitorais da AGO cercado do carinho e respeito dos companheiros da SNA, de várias gerações, que participaram do pleito.



VISTA PARCIAL DO AUDITÓRIO — Cerca de duzentos votantes compareceram às urnas na SNA, para eleger a Diretoria Executiva, a Diretoria Técnica e a Comissão Fiscal para o quadriênio 1975/79.

POLÍTICA DE PREÇOS MÍNIMOS favorece agricultura

O objetivo principal da Política de Preços Mínimos é garantir ao produtor rural, a comercialização dos produtos agrícolas em níveis, pelo menos equivalentes ao seu custo de produção, reduzindo os riscos inerentes a sua atividade.

Orientar o plantio é outra função importante do Preço Mínimo. Fixando preços sessenta dias antes do plantio, a CFP pretende antecipar ao agricultor o futuro comportamento do mercado. Analisando esses preços ele poderá escolher a cultura mais adequada à sua realidade e mais vantajosa em termos comerciais.

A Política de Preços Mínimos tem ainda como objetivos:

- incentivar a prática da comercialização, garantindo a normalidade do abastecimento;
- evitar que o homem do campo fique sob dependência do sistema de intermediação e das flutuações do mercado, propiciando-lhe através das operações de financiamento, por prazos de seis a dez meses, condições de esperar melhores preços;
- facilitar as operações de financiamento de custeio realizadas pelo Banco do Brasil e outros bancos que tomam por base o Preço Mínimo, proporcionando, ao mesmo tempo, ao agricultor, a possibilidade de avaliar, com antecedência, a rentabilidade mínima de cada cultura.
- auxiliar o desenvolvimento harmônico da economia global do País, evitando a transferência de desordenada renda da agricultura para outros setores;
- intervir no mercado como elemento moderador, comprando ou vendendo produtos agrícolas para restabelecer o

equilíbrio entre a oferta e a procura.

Através das operações de financiamento, os objetivos da Política de Preços Mínimos poderiam ser preenchidos da melhor forma possível. Ao Governo interessa principalmente financiar, estimulando a política de formação de estoques em poder da iniciativa privada. As operações de compra e venda realizadas pela CFP só acontecem em caráter excepcional. Tal excepcionalidade é determinada pela necessidade de amparar o produtor, comprando os produtos agrícolas, mesmo em condições precárias de comercialização, quando os preços caem a níveis inferiores aos mínimos fixados pela CFP ou, ainda, em operação inversa, colocando produtos no mercado para acalmar os preços, em caso de índices muito elevados. Dessa forma a CFP só interfere no mercado para equilibrar a oferta e a procura.

Produtos Amparados

Os produtos amparados pela Política de Preços Mínimos são os seguintes: algodão, amendoim, arroz, babaçu, castanha do Brasil, cera de carnaúba, feijão, girassol, juta,

malva, mamona, mandioca, milho, rami, seda, sisal, soja, sorgo e sementes certificadas e fiscalizadas de amendoim, arroz, feijão, milho e soja.

Os preços mínimos se referem ao produto a granel. Na operação de compra do produto, a CFP restitui ao agricultor o valor da sacaria, de acordo com o preço fixado pela CFP. Tal mecanismo evita que as oscilações do preço da sacaria interfiram nos preços mínimos dos produtos.

Cada produto tem preços mínimos diferentes dependendo da qualidade e zona geoeconômica onde está situado. Cada Estado é dividido em zonas geoeconômicas diferentes para cada produto.

Usuários

Podem se utilizar da Política de Preços Mínimos:

- a) Produtores e/ou suas cooperativas; são considerados produtores todos aqueles que lavram a terra, ou seja, os proprietários, meeiros, arrendatários, colonos e afins.
- b) Beneficiadores, industriais e exportadores, desde que apresentem com-

provante de haverem pago aos produtores preços nunca inferiores aos mínimos fixados pela CFP.

Operações

Para operar com a Política de Preços Mínimos o usuário pode optar por duas modalidades de financiamentos (EGF)⁽¹⁾ e pela venda direta à CFP (AGF)⁽²⁾. As duas modalidades de financiamento são:

a) EGF COM OPÇÃO DE VENDA

O produtor recebe:

100% do valor da produção oferecida como garantia, calculado de acordo com o preço mínimo fixado pelo Governo. O dinheiro é entregue ao produtor na hora em que ele assina o contrato.

Prazo de pagamento:

90 a 300 dias (dependendo do produto). Durante este prazo o produtor vai tentar vender sua produção por um preço mais alto do que o preço mínimo. Se não conseguir um preço melhor do que o mínimo, dentro do prazo determinado, o produtor pode optar pela venda ao

Governo que, neste caso, ressarcirá todas as demais despesas que tiver gravado o produto. Normalmente, o prazo concedido permite ao produtor vender seu produto na época de entressafra, quando os preços, em geral, estão mais altos.

Armazenagem:

O produto deve ficar em armazéns

indicados pelo Banco do Brasil.

Classificação:

O produto deve ser classificado por órgão oficial.

Despesas:

Se a produção for vendida ao Governo, o agricultor fica livre das despesas relativas a juros, armazenagem, expurgo, ICM e FUNRURAL.

b) EGF SEM OPÇÃO DE VENDA

O produtor recebe:

Até 80% do valor da produção oferecida como garantia, calculado de acordo com o preço mínimo fixado pelo Governo. O dinheiro é entregue ao produtor na hora em que ele assina o contrato.

Prazo de pagamento:

No máximo 210 dias.

Armazenagem:

O produto pode ficar armazenado na própria fazenda ou em qualquer local que tenha condições para boa conservação.

Classificação:

Não precisa de classificação oficial do produto e uma avaliação simples é feita pelo Banco do Brasil.

Na venda direta à CFP, ou seja, na AGF, o produtor respeita as mesmas normas pres-

critas para a realização do EGF COM OPÇÃO DE VENDA.

Nas operações de caráter excepcional, quando a CFP interfere no mercado comprando produtos agrícolas para amparar o homem do campo em momentos de crise, as normas podem ser modificadas de acordo com as possibilidades locais de comercialização.

Integração com organismos estaduais

No processo de fixação dos Preços Mínimos a CFP programa três etapas básicas: pesquisa ou coleta de dados, estudo e discussão. Na fase da coleta de dados, seus técnicos viajam a cada Estado do País para dialogar com os produtores e colher dados junto a eles e aos órgãos estaduais ligados ao setor agrícola.

Na fase da discussão muitos representantes desses organismos estaduais, como DEMAS, Secretarias de Agricultura, escritórios estaduais da EMBRATER ou Serviços do Acordo de Classificação, assim também como representações de órgãos de classe e produtores, discutem com a CFP as reivindicações de preços para os produtos de cada Estado.

Para a realização das operações com a Política de Preços Mínimos a CFP conta ainda com as Companhias estaduais de armazenagem, com os classificadores estaduais e agências locais do Banco do Brasil.

(1) Empréstimo do Governo Federal

(2) Aquisição do Governo Federal



Flagrante colhido no estande do Moinho Fluminense, durante a 1ª Exposição Estadual de Agropecuária e Abastecimento — Rio de Janeiro iniciada a 22 de agosto, que através da exposição de suas rações balanceadas — AVEVITA e GADOVITA — contribuiu para o enorme sucesso alcançado pela feira promovida pela Associação de Criadores do Estado do Rio de Janeiro com o apoio da Secretária de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro.

MOINHO F LUMINENSE S. A. INDÚSTRIAS GERAIS
FABRICA: RUA SACADURA CABRAL, 280/290 - RIO DE JANEIRO - GB.

Melaço-uréia: uma mistura revolucionária

Newton de Paiva Ferreira Filho
Pecuarista

MELAÇO-UREIA CIA ZADA E COM VITAMINA A



O Centro Técnico Agropecuário de Teresopolis, dirigido pelo veterinário Luiz Octávio Pires Leal, inaugurou no dia 5 de julho a usina misturadora de melaco-uréia, que irá facilitar o arraçoamento dos rebanhos bovinos da região. O ato foi prestigiado pelo Secretário da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro, Sr. José Resende Peres, um dos introdutores - juntamente com seu irmão Rubens e o professor Maurício Gomes - do método no Brasil.

Com estúbulos, gado puro e muita boa vontade, instalei-me na Vista Alegre, em fins de 1969. Pretendia ser pecuarista leiteiro, sonhando com os 1000 litros diários, meta de todo criador novato. E, realmente, estive perto. Cheguei aos 600 litros, ou seja 60% da meta estabelecida pelo criador inexperiente, e continuo lutando para atingir a meta inicial.

Ao longo de todos estes anos, vim pesquisando, observando, anotando conclusões e acumulando experiências na luta pecuária. Descobri o Napier, nas suas variedades Mineiro, Mercher, Mineirão. Tornei-me tão íntimo desta gramínea que em artigo publicado, não me acanhei de chamá-lo de "meu amigo napier".

Mas cedo compreendi que o gado não pode ser tratado exclusivamente de capim. Nas águas, o gado engorda, fica lustroso, tem cio, aumenta sua produção e se desenvolve. Na seca, o gado perde tudo: carne, produção, pelo, cio, desenvolvimento, quando não perde a vida. Se isto acontece com o gado puro, também acontece com o gado comum. Verifica-se pois, que nenhuma atividade pecuária empresarial poderá se basear puramente no capim. Aliás, poderá sim, pois tem muita empresa pecuária aí, que tem o gado na "gangorra": sobe, desce, engorda, emagrece, cria, não cria, etc. Mas, em termos de economicidade e produtividade, não é possível tal procedimento.

Bem cedo também, verifiquei ser impossível criar gado baseado no uso indiscriminado de rações. Seu custo é elevado. E seu uso indiscriminado eliminará as chances de lucratividade.

O Morriçon

Como todo novato, resolvi estudar alimentação de bovinos. Procurando um técnico, recebi a sentença: "estude o Morriçon". O Morriçon passou a ser para mim um objetivo. Consegui um em português. E mãos à obra. De suas quase mil folhas pude tirar a noção fundamental, que serve até hoje, de base para o que fazemos, em termos de alimentação:

1. Cada alimento é diferente dos demais. A proteína existente no milho é menor que a da torta de algodão. Cada tipo de alimento tem sua própria estrutura. E nenhum, seja qual for, será suficiente para atender às necessidades totais do gado.

2. Um capim tem composição diferente, na seca e nas águas.

Assim, mesmo existindo com fartura, o capim, na seca, é quase que só "bucha", não sendo suficiente para a manutenção vital do gado e de sua tarefa de gerar, criar e produzir.

3. O bovino tem necessidades alimentícias diferentes nas suas diversas idades. Uma bezerrinha recém-nascida precisa de mais alimentos que uma vaca seca. E poucos são os fazendeiros que dão conta de tal realidade.

De posse destas 3 regras, armei uma tabelinha e saí a fazer cálculos. E por mais que calculasse só conseguia confirmar que precisava de mais alimentos para satisfazer as necessi-

dades técnicas de uma vaca só se me dispusesse a trabalhar para minhas vacas, ganhando dinheiro na cidade para colar na fazenda. E isto não seria possível. Por isso, continuei pesquisando até que tive notícias de que os Peres, de São Pedro dos Ferros, usavam uma mistura de melaço-uréia de efeitos e resultados miraculosos. Fui lá para conhecer.

São Pedro dos Ferros

Na Fazenda Brasília, de Rubens Resende Peres, a constatação. Gado gordo, saudável, com surpreendente eficiência reprodutiva. Melaço e uréia em cochos, permanentemente à vontade do gado. Capim picado, misturado com sabugo de milho com palha, pé e tudo. Nos cochinhos, sal, sal mineral e farinha de ossos. E uma vez por dia a indispensável vitamina "A". Rubens Peres, Zé Resende Peres e o professor Maurício Gomes, liderando as pesquisas no Brasil sobre Melaço-uréia.

Na Vista Alegre

Copiei. (Só o pretencioso não aproveita experiência dos outros quando está dando certo). Foi a revolução. Desde 1970 usamos melaço-uréia sem nenhum problema. Durante todos estes anos cresceu minha admiração para com esta mistura revolucionária e consegui os mesmos resultados.

Uréia técnica

Existem dois tipos de uréia: a uréia técnica, com 46,5% de nitrogênio, que é a que serve para o gado e a uréia adubo com 45% de nitrogênio. A uréia adubo mata o gado.

Isto longe de impedir o uso da mistura melaço-uréia, deve apenas servir de alerta para que o trabalho seja feito com cuidado e atenção.

Melaço

Melaço de cana, subproduto da indústria açucareira. O que uso vem de Ponte Nova, da Cia. Açucareira Vieira Martins, de Custódio e Ricardo, dois jovens e dinâmicos diretores daquela empresa.

Melaço e uréia técnica

A mistura melaço-uréia é a junção dos dois elementos. Dez quilos de uréia técnica em noventa quilos de melaço. Bem batidos em máquina própria, que também pode ser conseguida em Ponte Nova. Se a mistura for perfeita (ingredientes corretos, dosagem certa e misturadeira própria) não haverá problemas.

A revolução

A revolução pode ser facilmente explicada. O gado vai ao cocho e lambe a mistura melaço-uréia. O gado não consegue lamber mais que um quilo e meio, aproximadamente, por dia.

O melaço-uréia cai no rumen. Ali ele alimenta as bactérias do rumen que, alimentadas, se multiplicam de forma violenta. Multiplicadas numericamente e famintas, elas atacam o capim que o gado comeu, destruindo-o e transformando-o em alimento para si (para as bactérias). O gado se alimenta, por incrível que pareça, das bactérias. Dizem que o melaço-uréia tem 31% de proteína real e 280% de proteína potencial. Não sei. Só sei que é a forma econômica e racional de alimentar. É econômico e produz resultados em todas as fases de criação. Uma verdadeira revolução que temos no Brasil, graças ao pioneirismo dos Peres, que vou seguindo com segurança.

UM SIMBOLO

ABIL

DE TRADIÇÃO

AGRICULTURA
e JARDINAGEM

AVICULTURA
PECUÁRIA

DROGARIA
VETERINÁRIA
(p/pequenos e grandes animais). A mais completa da cidade.

Distribuidora exclusiva dos Nutrientes
"PURINA"
ABIL AGRO COMERCIAL Ltda.

MATRIZ: R. Buenos Aires, 87 — Tels. 252-7527, 232-2408
Cx. Postal 21.209FILIAL: R. Prof. Castilho, 151, Tel. 394-1068 — Campo Grande

Tristeza ou podridão das radículas das plantas cítricas

Eng^o Agr^o Egberto Targino Bomfim

1. A primeira notícia no mundo sobre a "Tristeza" foi constatada na África do Sul, no começo do século.

Em 1930 foi constatada a existência da "Tristeza" na Argentina, ocasionando a morte de milhares de plantas cítricas.

Inicialmente a citricultura brasileira fundamentava-se na utilização da laranja azeda como porta-enxerto das diversas variedades; isto em função da significativa resistência a gomose como também pela copa vigorosa e produtiva apresentada pela planta. Porém foi observado mais adiante que a combinação laranja doce (*Citrus sinensis* L.)/laranja azeda (*Citrus aurantium* L.) era altamente suscetível e intolerante ao vírus da tristeza. Resultou então que dentro de um período de 10 anos, entre 1939 a 1949, ocorreu a destruição de 9 milhões de plantas no Estado de São Paulo.

2. Hospedeiros

Os estudos comprovam que a grande maioria das plantas cítricas, hospedam o patógeno, entretanto os sintomas somente aparecem em algumas combinações de enxerto e porta-enxerto.

3. Sintomatologia

3.1 — Sintomas morfológicos

3.1.1 — Parte aérea:

As folhas tornam-se cloróticas, coreáceas, apresentam tamanho reduzido e têm posição erecta formando um ângulo acentuadamente agudo com o ramo.

É comum também as plantas atacadas de "Tristeza" apresentarem sintomas de "Stem Pitting" (que consiste na penetração dos tecidos da casca em cavidades rasas e alongadas formadas no lenho do tronco e dos ramos).

De início as árvores afetadas aumentam de produção porém seus frutos caem prematuramente nunca atingindo seu desenvolvimento e maturação normais.

Em estado final próximo a morte da planta observa-se a queda das folhas e posteriormente o secamento dos ramos.

3.1.2 — Parte subterrânea

Na ocasião em que as plantas exibem os primeiros sintomas já as raízes estão em adiantado estado de desintegração.

A diferença marcante entre os sintomas de "Tristeza" e "Gomose" consiste no seguinte: na gomose os sintomas lesionais têm início no colo da planta e progridem até as raízes, enquanto na "Tristeza" a morte das raízes se inicia pelas radículas.

3.2 — Sintomas histológicos

Acredita-se que a causa imediata da



morte das radículas seja a degeneração dos vasos liberianos e a conseqüente interrupção da circulação da seiva elaborada.

4. Etiologia

O patógeno causador da "Tristeza" foi tema controverso durante muito tempo.

Sabe-se hoje que a doença ocasionada por um vírus chamado *Corum Viatoria Klotz*.

Este vírus apresenta variações em patogenicidade, apresentando diferentes estirpes, sendo que algumas causam sintomas mais graves que outras.

Sua transmissão ocorre facilmente por enxerto e pelo pulgão preto dos citrus (*Toxoptera Citricidus*) e pulgão do algodoeiro (*Aphis gossypii*).

Os afídeos tornam-se infetivos depois de um certo período de alimentação sobre plantas doentes — 5 minutos para *A. gossypii* e uma hora *T. Citricidus*. Ao se alimentarem sobre plantas sadias após um certo tempo perdem a infetividade — 2 horas para *A. gossypii* e 24-48 horas para *T. Citricidus*.

5. Comportamento Varietal

Há plantas que permitem a multiplicação do vírus em seus tecidos, porém o floema é tolerante a sua ação (Laranja doce, limoeiro, etc.). Em outras plantas ocorre o inverso ou seja a multiplicação do vírus é nula porém o floema é sensível (laranja azeda e alguns limões verdadeiros).

Desta maneira explica-se porque a "Tristeza", via de regra não ataca variedades doce e azeda quando plantadas em pé franco.

O poncírus trifoliata além de não permitir a multiplicação do agente, como possuem tecidos sensíveis aos seus efeitos; como exemplo temos a variedade "Para" e muitos "Grapefruits". Estas plantas contraem a doença independente da enxertia.

Em suma, para que a virose manifeste-se, é condição indispensável que haja no mesmo indivíduo, uma copa que permita a multiplicação do vírus e a presença de floema sensível a doença.

6. Controle

1 — O uso de combinações tolerantes é ainda o único meio agronomicamente viável.

Na escolha do porta-enxerto leva-se em consideração outros fatores como: resistência a gomose e exocorte, resistência a seca, vigor de copa, precocidade, produtividade, qualidade da fruta e longevidade.

2 — Obtenção de mudas a partir de embriões nucelares.

O método de controle supracitado apresenta a desvantagem das mudas retardarem o início de sua produção, serem suscetíveis a gomose e crescerem em demasia.

3 — Combate sistemático ao inseto vetor. Trata-se de um pulgão de mínima resistência a maioria dos inseticidas de contacto.

Quem é o dono da pureza do ar e do resplendor da água?

Nós nos contentávamos em deixar as coisas permanecerem como o Grande Espírito os havia feito. Eles (os homens brancos) não se contentavam e mudariam até o curso dos rios se estes não lhes servissem.

(Um índio Nez Percé)

Abaixo reproduzimos uma carta que o cacique índio Seathl, da tribo Duwamish, do Estado de Washington, escreveu ao Presidente Franklin Pierce, dos Estados Unidos, em 1855, depois do governo ter dado a entender que desejava adquirir o território da tribo. Ecologia é uma palavra nova e uma ciência nova, mas o raciocínio ecológico não foi criado pelos homens de hoje.

Leiam e aprendam!

"O grande chefe de Washington mandou dizer que deseja comprar a nossa terra. O grande chefe assegurou-nos também de sua amizade e sua benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não necessita da nossa amizade. Porém, vamos pensar em tua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O grande chefe em Washington pode confiar no que o chefe Seathl diz, com a mesma certeza com que os nossos irmãos brancos podem confiar na alternância das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas — elas não empalidecem.

Como podes comprar ou vender o céu — o calor da terra? Tal idéia é-nos estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água. Como podes então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre o nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada uma folha reluzente, todas as praias arenosas, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual a outro. Porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de exaurí-la, ele vai embora. Deixa para trás o túmulo do seu pai, sem remorsos de consciência. Rouba a terra dos seus filhos. Nada respeita. Esquece as sepulturas dos antepassados e o direito dos filhos. Sua ganância empobrece a terra e vai deixar atrás de si os desertos. A vista de tuas cidades é um tormento para os olhos do homem vermelho. Mas talvez isto seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que nada compreende.

Não se pode encontrar paz nas cidades do homem branco. Nem um lugar onde se

possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o tinir das asas de insetos. Talvez por ser um selvagem que nada entende, o barulho das cidades é para mim uma fronta contra os ouvidos. E que espécie de vida é aquela em que o homem não pode ouvir a voz do corvo noturno ou a conversa dos sapos no brejo, à noite? Um índio prefere o suave sussurro do vento sobre o espelho d'água e o próprio cheiro do vento, purificado pela chuva do meio-dia e com aroma de pinho. O ar é precioso para o homem vermelho. Porque todos os seres vivos respiram o mesmo ar — animais, árvores, homens. Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo ele é insensível ao mau cheiro.

Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição. O homem branco deve tratar os animais como se fossem seus irmãos. Sou um selvagem e não compreendo que possa ser certo de outra forma. Vi milhares de bisões apodrecendo nas pradarias abandonadas pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais valioso do que um bisão que nós os índios; matamos apenas para sustentar a nossa própria vida. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto fere a terra fere também os filhos da terra.

Os nossos filhos viram seus pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio, e envenenam seu corpo com alimentos doces e bebidas ardentes. Não tem grande importância onde passaremos os nossos últimos dias — eles não são muitos. Mas algumas horas, até mesmo uns invernos, e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nesta terra ou que têm vagueado em pequenos bandos nos bosques, sobrarão para chorar, sobre os túmulos, um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso.

De uma coisa sabemos que o homem branco talvez venha um dia a descobrir: O nosso Deus é o mesmo Deus. Julgas, talvez, que o podes possuir da mesma maneira como desejais possuir a nossa terra. Mas não podes. Ele é Deus da humanidade

inteira. E quer bem igualmente ao homem vermelho como ao branco. A terra é amada por Ele. E causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo seu Criador. O homem branco também vai desaparecer, talvez mais depressa do que as outras raças. Continua poluindo a tua própria cama, e há de morrer uma noite, sufocado nos teus próprios dejetos! Depois de abatido o último bisão e domados todos os cavalos silvestres, quando as matas misteriosas federem à gente, e quando as colinas escarpadas se encherem de mulheres a tagarelar — onde ficarão então os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restara dar adeus à andorinha da torre e à caça, o fim da vida e o começo da luta para sobreviver.

Talvez compreenderíamos se conhecêssemos com que sonha o homem branco, se soubessemos quais as esperanças transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais as visões do futuro oferece às suas memtes para que possam formar os desejos para o dia de amanhã. Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos, temos de escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos, é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver os nossos últimos dias conforme desejamos. Depois do último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe. Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueças como era a terra quando dela tomaste posse. E com toda a tua força, o teu poder, e todo o teu coração — conserva-a para teus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum".

Traduzido da Revista NORSK NATUR 10 (1), 1974, Oslo, por ROBERTO TAMARA.

Uma colaboração do

INSTITUTO DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
Estrada da Vista Chinesa, 741
Caixa Postal 3545 — ZC-00
RIO DE JANEIRO — RJ

Intermediários indesejados

Hoje é o arroz; antes, a carne, o feijão. Periodicamente os centros consumidores se vêem ameaçados pela falta de um ou outro produto agrícola. E a quem interessa essa situação? Naturalmente não é ao produtor e muito menos ao consumidor. E por que essas pequenas crises ocorrem? Sem dúvida pelas falhas ainda existentes no processo de comercialização. Mas, basicamente, suas razões são encontradas num segmento do processo: a intermediação.

Se o Governo reconhece a necessidade do intermediário, devido a deficiências no sistema de comercialização, sabe também que sua ação com alguma frequência tem sido propositadamente exagerada. Um produto passa por tantas fases de intermediação que seu preço final chega a ser muitas vezes superior ao de seu custo de produção. Assim, não ganha produtor, nem consumidor. Daí a preocupação governamental de racionalizar esse processo como forma de proteger quem realmente produz, com inegáveis benefícios para quem consome.

No caso do arroz, os episódios são significativos. Anunciada a possível crise, entendimentos foram mantidos para evitá-la. O Governo aceitou fixar um preço pedido pelos próprios produtores. Mesmo assim há a tentativa de "aquecer" artificialmente o mercado, prevendo-se a falta

do produto. Ora, abastecimento é coisa séria. Não se adota uma posição hoje como justa para logo depois fugir ao acordo. E o caso do arroz, infelizmente, não é isolado, embora não se constitua em regra geral.

O resultado é que o Governo absorve parte de seu tempo e de seus recursos para neutralizar esse tipo de ação. Usa os instrumentos de que dispõe, disciplinando a concessão de créditos e outros benefícios, procurando formar estoques reguladores. Tudo para normalizar o abastecimento artificialmente "desestabilizado" pelos intermediários. Sem plantar nem colher — como se tem dito repetidas vezes — muito menos cabe ao Governo a tarefa de comercializar. Ela deve ser de responsabilidade da iniciativa particular, como quer o Governo, que recomenda aos produtores uma aproximação com os consumidores, a racionalização de suas atividades em moldes empresariais. Que seria a fórmula mais objetiva, embora a médio prazo, para evitar os abusos no setor.

De qualquer forma o que as autoridades governamentais responsáveis não podem é se manter indiferentes a uma situação artificial criada pelos intermediários indesejados. O Governo defende o lucro como fator de elevação da produção e produtividade, mas sabe perfeitamente distingui-lo da pura especulação.



O Estado da Bahia foi imortalizado por esta cultura — coqueiros.

Ganhe muito, plantando na sua propriedade o coqueiro
anão-VERDE VERDADEIRO.

Grande produtividade e muito sabor.
Mudas e informações com o
Dr. A. de Souza Pires,
na Rua Aurélio
de Figueiredo, 114
Campo Grande-Guanabara
20.000 – Fone: 394-0896.

Amplo crédito para a pecuária



Os recursos para início das operações do Programa de Desenvolvimento da Pecuária de Corte — PRODEPE — destinado a dar continuidade aos Programas do BID E BIRD já foram liberados pelo Banco Central. O PRODEPE sofreu os ajustes ditados pela experiência de seis anos de atividade com programas similares com aplicação de recursos de organismos financeiros internacionais.

Administrado financeiramente pelo Banco do Brasil e tecnicamente pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária — o PRODEPE tem por objetivo promover a elevação dos índices de produtividade da pecuária bovina de corte e/ou mista e, assim, elevar a produção de carne e/ou de leite, mediante assistência técnica e crédito.

O PRODEPE tem sua área de atuação no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais e terá assistência dos cinco Escritórios Regionais do CONDEPE que atuam nesses Estados.

Para obtenção dos financiamentos do Programa é necessário que a propriedade esteja localizada em sua área de atuação e dedicar-se ou passar a se dedicar à fase de criação que, de preferência, deverá ser complementada pela recria e engorda.

O candidato deve ser pecuarista tradicional — pessoa física ou jurídica — e proprietário da fazenda ou deter sua posse, a título justo, por prazo igual ou superior ao de vigência do contrato de financiamento, e exercer, de preferência, as funções de supervisão e de administração direta da empresa financiada. Comprometer-se-á a adotar as técnicas e métodos de administração rural indicados no projeto de desenvolvimento motivo da concessão de crédito, devendo demonstrar capacidade de investimento e de administração suficiente para possibilitar a ampliação da atividade pecuária.

As propostas serão encaminhadas aos agentes financeiros selecionados pelo Banco Central, a quem cabe efetivar a concessão dos empréstimos. Estes farão o exame inicial das propostas, mediante estudo cadastral dos proponentes, encaminhando em seguida ao CONDEPE aquelas que forem selecionadas. O CONDEPE, por sua vez, procederá ao exame de viabilidade técnica e econômica, após o que se processará a elaboração do projeto respectivo.

Financiamento — São financiáveis com recursos do Programa todos os investimentos necessários à exploração pecuária, cuja discriminação deve constar do projeto elaborado segundo normas estabelecidas pelo CONDEPE.

Os financiamentos — até 100% dos investimentos orçados — têm os seguintes limites: **mínimo** — 200 vezes o valor do maior salário-mínimo e **máximo** — cinco mil vezes o valor do maior salário-mínimo. Por solicitação e justificativa do agente financeiro e comprovada a viabilidade do projeto pelo CONDEPE, o Banco Central pode autorizar a concessão de financiamentos superiores ao limite máximo.

O prazo da operação é de 12 anos, incluindo uma carência de até 4 anos. Para fins de processamento e controle, a soma das parcelas utilizadas em cada ano civil é considerada um "Empréstimo Isolado", sendo assim escriturado em conta-própria separada.

A utilização dos recursos deve ser feita até o prazo máximo de 30 meses, a contar da data da assinatura do respectivo contrato.

Para a compra de reprodutores (machos e/ou fêmeas), os financiamentos obedecem às seguintes condições: **criadores de gado puro** (fornecedores de reprodutores ou matrizes) — que os animais das raças européias e/ou indianas devam ser portadores de certificados forne-



cidos por organizações de registro genealógico, que comprovem sua condição de puros de origem (P.O.), puros por cruz (P.C.) ou controlados; criadores de gado azebuado ou mestiço (produtores de gado para abate) — que os animais a serem adquiridos, independente da raça ou “grau de sangue”, apresentem as condições de precocidade, conformação e sanidade comprovadas por laudo fornecido pelo órgão responsável pela assistência técnica; e matrizes — a parcela para aquisição de fêmeas para reprodução não pode exceder de 50% do total dos investimentos programados.

Investimentos — Os recursos do PRODEPE só podem ser aplicados em investimentos, não sendo admitido o seu emprego em gastos gerais e de administração dos beneficiários, capital de giro, compra de terreno, pagamento de dívidas, aquisição de animais (exceto reprodutores e/ou matrizes), e aquisição de veículos (exceto utilitários).

Os juros dos financiamentos serão de 7% ao ano, incidentes sobre os saldos devedores, debitados e exigíveis em 30 de junho, 31 de dezembro, no vencimento e/ou liquidação do contrato ou cédula. A correção monetária será prefixada pelo Conselho Monetário Nacional, que atualmente é de 8% ao ano. As correções, aplicadas por ocasião do pagamento das amortizações, incidem sobre as prestações devidas e sobre os juros posteriores ao período de carência.

As parcelas destinadas à aquisição dos fertilizantes necessários à execução do projeto gozam dos benefícios instituídos pelo Banco Central. Os demais insumos subsidiáveis discriminados no projeto de investimento serão isentos de encargos bancários durante o prazo de carência. As amortizações serão de acordo com o esquema de pagamento de cada “Empréstimo Isolado”, mediante prestações anuais e sucessivas.

Capital de giro — As necessidades de capital de giro dos mutuários do PRODEPE, atendidas mediante financiamentos de custeio para retenção de crias, são supridas pelos mesmos agentes financeiros que realizam as opera-

ções de investimentos, através de linha de crédito específica concedida pelo Banco Central.

A aplicação desses recursos deve ter por finalidade precípua custear os gastos normais da fazenda, admitindo-se, ainda, a inclusão de compromissos financeiros a saldar, manutenção da família, aquisição de pequenas máquinas e instalações. Seu objetivo é suprir suficientemente os pecuaristas de recursos que se tornem necessários no curso da operação de investimento.

Esses recursos podem ser aplicados também na compra de animais (matrizes ou machos para recria e engorda), a juízo do CONDEPE, a quem cabe aprovar os orçamentos respectivos.

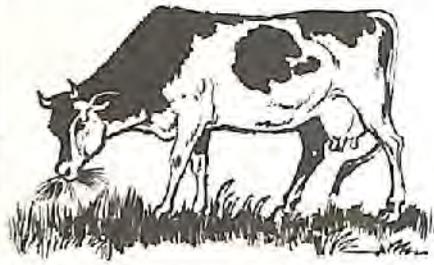
O crédito não deve abranger necessariamente, a totalidade das recrias do rebanho, mas apenas o número indispensável ao levantamento dos recursos para atender despesas indicadas. E o seu montante deve ser especificado em laudo técnico, podendo atingir 100% do valor do orçamento.

A concessão do financiamento somente é dada durante os 3 primeiros anos de implantação do projeto. Não tendo o produtor crias em número suficiente para proporcionar o crédito necessário ao atendimento dos gastos de custeio, pode ser beneficiado com um sistema semelhante ao do “custeio convencional”, no qual se incluem recursos para os gastos normais da fazenda, compromissos financeiros a saldar e manutenção da família.

As operações só podem ser realizadas no primeiro ano de execução do projeto e, excepcionalmente, no segundo ano. Depois, o capital de giro só será proporcionado sob a forma de retenção de crias, operações estas que também dependem do parecer técnico do CONDEPE e gozam de prazo de até 3 anos.

O valor individual de cria desmamada retida, com idade compreendida entre 6 meses e 1 ano, está limitado em Cr\$ 400,00. Este valor pode ser reajustado periodicamente pelo Banco Central.

COMO ALIMENTAR O GADO LEITEIRO NA SÊCA



Capineiras é outra maneira de alimentar o gado leiteiro. Como capineiras, os capins-elefante napier, guatemala e cana-de-açúcar mantêm-se verdes e com ótima rendimento, mesmo na sêca.



Os capins-elefante napier e guatemala não devem ser dados aos animais quando passarem de 1,20m de altura: ficam fibrosos, endurecidos e com poucas folhas verdes. Cortados no início de fevereiro, estarão de boa altura em julho/agosto.

UMA COLABORAÇÃO

SETOR AGROPECUARIO

Ministério da Agricultura completou 115 anos



O primeiro titular da Agricultura foi o Almirante Joaquim José Ignácio, Visconde de Inhaúma, que permaneceu no cargo entre 2/3/1861 e 21/4/1861. Quando da criação do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio o seu primeiro ministro foi o engenheiro Antônio Cândido Rodrigues (19/11/1909 a 18/11/1913) e em 1930, ao adquirir a atual denominação teve à sua frente o bacharel em Direito Joaquim Francisco de Assis Brasil (3/11/1930 a 22/12/1932).

História — Rufino D'Almeida Guerra Filho e Xavier Placer advertem que "para contar a história sincera da agricultura do ponto-de-vista da atuação no Brasil Colônia, é mister começar aceitando a premissa de que, durante esse período, não houve uma política agrária da parte do Governo, assistindo e dinamizando tão importante atividade econômico-social. Houve sim, atos isolados e a espaços, que só parcialmente atendiam aos problemas, que se perpetuavam".

Adiantam que tal situação não se alterou nos primeiros tempos do Império. Somente quatro décadas após a Independência, é que ocorreu a primeira manifestação positiva do interesse oficial, com a criação a 28 de julho de 1860 da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, instalada sete meses depois.

Já em 1868 sofria o órgão a primeira reforma, sendo reduzido a uma só diretoria e seis seções, a fim de centralizar os serviços, tendo inclusive diminuído o seu número de funcionários, visando a economia dos dinheiros públicos.

A reforma seguinte ocorreu em 1873, quando lhe foi dado novo regulamento, considerado mais eficaz do que o anterior.

e com o qual permaneceu até o advento da República em 15 de novembro de 1889.

Entre as mudanças introduzidas na administração pública pelo novo regime, verificou-se, em 1892, a substituição da antiga Secretaria dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, pelo Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, no qual a 2ª Seção da 3ª Diretoria tratava dos assuntos relativos à agricultura.

Restauração — Somente 14 anos depois, no Governo do Presidente Afonso Pena, era o órgão restaurado com a denominação de Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio. No entanto, mesmo criado em 1906 a sua instalação efetiva veio ocorrer a 12 de agosto de 1909.

Era competência do Ministério na área da agricultura cuidar do ensino agrícola, estações agronômicas, mecânica agrícola, campos de experimentação e institutos de biologia agrícola; imigração e colonização, catequese e civilização dos índios; indústria animal, escolas veterinárias, postos zootécnicos, proteção contra as epizootias, importação e seleção das raças aperfeiçoadas e mais adequadas ao país, estudos de pastos, agrostologia ou classificação e análise das gramíneas; e registro dos animais importados ou nascidos no país, com as alterações que fossem convenientes, regulamentos sanitários para importação, exportação de animais, sementes e plantas.

Cumpria-lhe também cuidar das estatísticas e informações sobre produção, consumo, mercados interno e externo, exportação e importação, previsões de colheitas, movimento das safras, saldos estoques, zonas e áreas de produção, coeficientes para hectares de terreno ou processo de cultura e indústria mineral; jardins

botânicos, hortos, museus, laboratórios, aquisições e distribuições de plantas e sementes; e legislação rural e agrícola, estudos científicos com o intuito de promover o progresso da agricultura e da indústria animal, congressos, conferências, sociedades de agricultura, sindicatos, cooperativas, bancos, caixas de crédito agrícola e companhias para explorações agrícolas no país.

Era sua atribuição ainda assuntos relativos a observatórios astronômicos, estações meteorológicas e carta geográfica (organização e publicação); hidráulica agrícola, irrigação e drenagem; terras públicas, registro de terras possuídas e legitimação ou revalidação das posses e concessões feitas, medição, demarcação, descrição, distribuição e venda das terras pertencentes à União e sua separação das que pertencem ao domínio particular; e informações, propaganda, publicidade e divulgação de tudo quanto interessar à agricultura, indústria e comércio no interior e no exterior.

No período que vai de sua instalação até a Revolução de 30, as principais modificações ocorridas na estrutura do Ministério foram: a reunião sob a mesma direção dos Serviços de Inspeção, Estatística e Defesa Agrícola (1910), a reorganização do Jardim Botânico (1910) a criação da Diretoria Geral de Contabilidade, do Serviço de Distribuição de Plantas e Sementes e do Ensino Agronômico (1910). Em 1911 é dado novo Regulamento à Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio e, em 1915, é reorganizada a Diretoria do Serviço de Veterinária com nova denominação e regulamento. Neste mesmo ano é criado o Serviço do Algodão.

O Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio é autorizado a criar Patronatos Agrícolas para educação de menores e



1918 e em 1920 é reorganizada a Diretoria do Serviço de Agricultura Prática, sob nova denominação. No mesmo ano é criado o Serviço de Sementeiras, o Instituto de Defesa Agrícola e o Serviço de Expurgo e Beneficiamento de Cereais. Nesse período foi criado ainda o Serviço Florestal do Brasil (1921).

Depois de 30 — Em dezembro de 1930, o regime revolucionário então implantado no Brasil transferiu para os Ministérios da Educação e Saúde e do Trabalho, Indústria e Comércio várias das tarefas do até então Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que passou a denominar-se simplesmente Ministério da Agricultura.

Esta nova estrutura levou quatro anos para consolidar-se o que se verificou na gestão Juarez Távora, (1932-1934) e baseou-se na realidade dos três reinos da natureza (mineral, vegetal e animal), sendo criados três Departamentos Nacionais de Produção: Mineral, Vegetal e Animal. Foram criados também Serviços Técnicos Independentes, Comissões, Conselhos, Departamento de Administração e Gabinete do Ministro.

Ainda em 1934 são aprovados os Códigos de Caça e Pesca e de Minas e criadas as Escolas Nacionais de Agronomia e de Veterinária, o Serviço de Irrigação, Reflorestamento e Colonização, e o Banco Nacional de Crédito Rural.

Os mais importantes acontecimentos administrativos verificados desde então foram: a criação do Instituto Nacional do Mate, do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas, do Serviço de Economia Agrícola, do Serviço de Economia do Serviço Florestal, do Serviço de

Meteorologia, do Departamento de Administração e da Divisão de Terras e Colonização, além da Superintendência do Ensino Agrícola, todos em 1938. No ano seguinte foi criado o Instituto Agrônomo do Norte e Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização, passando então para o MA o Serviço de Proteção aos Índios.

Também foram criados junto ao Ministério da Agricultura os Institutos Nacionais de Óleos e do Sal (1940), Colonias Agrícolas, Instituto Nacional do Pinho (1941), o Serviço de Expansão do Trigo, (1944), a Comissão Nacional de Política Agrária (1951) e transformada a Caixa de Crédito Cooperativo em Banco Nacional de Crédito Cooperativo (1951). Em 1954 foi criado o Instituto Nacional de Imigração e Colonização e em 1955 o Serviço Social Rural.

Com a criação em 1960 dos Ministérios da Indústria e Comércio e das Minas e Energia, passou a integrar este último o Departamento Nacional de Produção Mineral, que fazia parte do MA.

Em 1962 são criados o Fundo Federal Agropecuário, a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca e a Superintendência de Política Agrária (SUPRA).

Vale ressaltar ainda a reestruturação do Ministério (1963) a aprovação do "Estatuto do Trabalhador Rural" (1963), do "Estatuto da Terra" (1964), a instituição do novo Código Florestal (1965), a constituição da Companhia Brasileira de Serviços Agrícolas (COSAGRI) e promulgados o novo Código da Pesca, bem como a Lei de Proteção à Fauna.

Reorganização — A reorganização por que passou o Ministério da Agricultura em

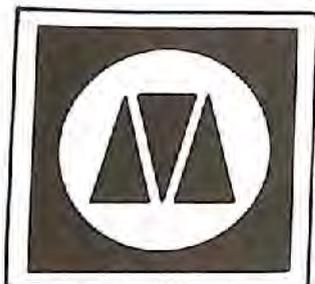
1963, é considerada pelos estudiosos de grande importância para ajustar o órgão ao crescimento e ao surto industrial do País com vistas a melhor produção, em bases técnicas e econômicas.

Nesta reforma, foi criado o cargo de Secretário-Geral da Agricultura, responsável perante o ministro pela administração do Ministério, exercendo a supervisão dos órgãos que o integram, examinando e despachando assuntos pertinentes aos trabalhos da Pasta e exercendo qualquer outra atribuição que lhe seja delegada.

Nos últimos oito anos o Ministério vem passando por sucessivas reformulações com reestruturação e criação de órgãos, contratação de mais pessoal técnico, reorganização e ampliação de serviços. Tenta-se consolidar a filosofia de uma ação coordenadora e de supervisão por parte do Governo Federal no setor, enquanto se delega aos Estados e à iniciativa particular as tarefas executivas de produção.

O atual ministro, empossado em 15 de março de 1974, tem oportunidade de promover maiores mudanças. Mantém-se a filosofia de ação do Ministério que gradativamente procura transferir funções executivas, enquanto consolida sua estrutura de coordenação e acompanhamento de programas. Ao mesmo tempo são criados novos órgãos como o Conselho Nacional do Abastecimento, o COMPATER, a COMCRED, a EMBRATER. A CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) passou para o Ministério da Agricultura. E ainda são criados programas especiais como o de seguro rural, pastagens, armazenagem papel e celulose.

Atualmente tem oito departamentos e onze órgãos que lhe são vinculados.



MOSAICO COOPERATIVISTA

De "patinho feio" à "cinderela", a transmutação do BNCC

Fonte do BNCC — Banco Nacional de Crédito Cooperativo, anunciou com incontida (e justificável) euforia, que o referido estabelecimento de crédito especializado "vai dispor (ou já dispõe) de recursos adicionais num total de Cr\$ 85 milhões, oriundos de empréstimo feito por um grupo de bancos alemães, que se destinam a financiar projetos prioritários do Ministério da Agricultura previstos no II PND — Plano Nacional de Desenvolvimento". O empréstimo — segundo a mesma fonte — de 25 milhões de marcos, foi aprovado pelo Banco do Brasil.

Independente dessa injeção, diz o BNCC que "encerrará este ano seu balanço com um total de Cr\$ 1,5 bilhão de financiamentos concedidos a cooperativas de produtores rurais", rememorando que tais financiamentos "subiram de 178 para 740 milhões de cruzeiros entre maio e dezembro do ano passado" e que "no mesmo período, os depósitos saltaram de 37 para 166 milhões de cruzeiros".

Pelo visto, a atual direção do BNCC vai conseguir uma extraordinária façanha, uma transmutação sensacional. De "filho enjeitado" que foi durante quase trinta anos, o BNCC passa a "primo rico" na gestão de agora.

Copersucar mostra que nem tudo é "doce" para o setor açucareiro.

Fundada em 1959, como resultado da união de cooperativas regionais e de usinas açucareiras do Estado de São Paulo, a COPERSUCAR, segundo seu presidente, Jorge Wolney Atalla, tem por objetivo "harmonizar os fatores de produção e distribuição do setor, eliminar distorções e alcançar a sustentação dos preços oficiais estabelecidos pelo IAA". A COPERSUCAR congrega, atualmente, 68 das oitenta usinas instaladas em São Paulo, duas de Goiás, duas do Paraná, uma de Minas Gerais, três do Rio de Janeiro e uma de Mato Grosso, perfazendo um total de 77 usinas.

Em Treze Receitas para o Desenvolvimento da Agroindústria Açucareira, trabalho recentemente publicado, cuja oferta agradecemos, a COPERSUCAR faz amargas revelações, mostrando que os produtores, que "são o primeiro elo da cadeia que resulta nos elevados preços e na transformação do Brasil no maior produtor de açúcar-de-cana do mundo, não participam das vantagens obtidas, sofrendo todos os desestímulos que recaem sobre a atividade". E pleiteia "uma participação direta nos altíssimos benefícios oriundos do comércio externo, para que novos planos

de expansão ou modernização do parque açucareiro sejam incrementados".

No momento — ressalta o trabalho — ao receber US \$ 150,00 por tonelada métrica pelo açúcar exportável, o produtor nacional está participando em apenas 10% do preço modal vigente no mercado externo (US \$ 1.500,00).

Em outro estudo, Custos de Produção e Perspectivas do Setor Açucareiro para a Safra 75/76, a COPERSUCAR prevê que os gastos com fertilizantes e corretivos, corte e transporte de cana e a renda alternativa da terra, deverão totalizar 61 por cento do custo de cana na esteira da usina. E que a taxa real de remuneração do capital próprio, caso os preços da cana e do açúcar se igualem aos seus custos, será de 12% a.a., taxa esta considerada pela COPERSUCAR de "mínima atratividade".

Num terceiro trabalho Sobre o Pagamento de Cana-de-açúcar pelo teor de Sacarosa, a COPERSUCAR informa que nas experiências que vem desenvolvendo a partir da safra 1972/73 com vistas à introdução e adoção do novo sistema no Brasil, já realizou investimentos da ordem de Cr\$ 3 milhões.

Contribuição das Cooperativas ao Funrural será sobre o valor líquido das vendas

O cálculo de recolhimento da contribuição das cooperativas ao Funrural passará a ser efetuado sobre o valor líquido recebido pelos associados na venda de seus produtos, abatidas as despesas de comercialização. Decreto nesse sentido foi assinado dia 24 de julho pelo Presidente Geisel, alterando a redação do regulamento do Funrural que determinava a realização do cálculo com base no valor final da venda dos produtos.



THUYA AVÍCOLA SIMÕES

MEDICAÇÃO PREVENTIVA e CURATIVA DAS PIPOCAS (OU CAROCOS) DOS PINTOS, GALINHAS, PERÚS, MARRECOs, PATOS, POMBOS, PASSAROS E AVES EM GERAL

Para o Interior enviamos pelo reembolso postal, e também a venda à Rua do Mateus, 33-Rio-GB e Praça João Mendes, 31-S. Paulo

Fecotrigo instala indústria para produzir calcário

A FECOTRIGO — Federação das Cooperativas Brasileiras de Trigo e Soja, através da implantação de uma indústria própria, vai colocar à disposição dos seus 100 mil agricultores associados no Rio Grande do Sul, a partir do próximo ano, 500 mil toneladas anuais de calcário, a preços cinquenta por cento inferiores aos níveis do mercado, para correção da acidez do solo no Estado. Em cinco anos, toda a área cultivável com soja no Rio Grande do Sul, num total de 2,5 milhões de hectares, estará corrigida, o que resultará num apreciável aumento da produtividade e da produção, que este ano já atingiu 4,3 milhões de toneladas. O projeto foi levado ao Ministro Alysson Paulinelli, da Agricultura, e à diretoria do Banco Central, em Brasília, pelo presidente da FECOTRIGO, Ari Dionísio Dalmolin.

Mais sócios

A FECOTRIGO, que está ingressando numa agressiva escalada empresarial, acaba de acolher mais três cooperativas todas gaúchas — no seu quadro: a Cooperativa Agrícola Mista Candelária; a Cooperativa Agropastoril Pradense, de Antonio Prado, e a Cooperativa Tríticola Superense, de Sobradinho. Agora, a entidade conta com 61 filiais no Rio Grande do Sul, 8 em Santa Catarina, 5 no Paraná e uma em Mato Grosso, perfazendo um total de 75 cooperativas associadas. O número de agricultores filiados — com as novas entidades que se associaram à FECOTRIGO — ultrapassa dos 150 mil.

Uso adequado de defensivos agrícolas: meta da campanha lançada em SP



Em solenidade presidida pelo Ministro Alysson Paulinelli, presentes os Secretários de Agricultura de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso, foi lançada em Ribeirão Preto, dia 18 de julho, a Campanha do Uso Adequado de Defensivos Agrícolas, promoção conjunta da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), órgão da Secretaria de Agricultura paulista, e da Associação Nacional de Defensivos Agrícolas (ANDEF), entidade que reúne empresas responsáveis por 90 por cento da produção do setor.

A Campanha que em sua primeira fase (atual) terá a duração de seis meses, passará depois a ter caráter permanente, envolvendo inclusive cursos em cooperação com a FAO, para agrônomos, sobre o controle integrado de pragas. Seu objetivo principal é a difusão do uso correto de defensivos agrícolas, com vistas ao aumento da produtividade, proteção da saúde dos aplicadores e do público consumidor, e preservação das colheitas dos ataques de pragas, responsáveis pela perda de 1/3 das safras.

A escolha de Ribeirão Preto para início da Campanha — que em breve se estenderá a outras regiões do Estado e do País — se deveu, segundo o diretor-executivo da ANDEF, Lysis Aloé, ao elevado estágio de tecnificação, infra-estrutura de serviços e diversificação de culturas que a região (80 municípios) possui, representando cerca de 25 por cento da área agricultável do Estado, com uma participação de 20 por cento na cultura de algodão, 24 por cento na de arroz, 31 por cento na de amendoim, 35 por cento na de cana-de-açúcar, 63 por cento na de soja, 36 por cento na de citros e 16 por cento na de café.

Impossibilitados de comparecer ao lançamento da Campanha — em atenção ao convite especial que recebemos da ANDEF — transferimos a incumbência ao colega Geraldo Goulart da Silveira, Sócio Titular da SNA e membro do Conselho Superior da entidade, que há muitos anos atua no setor da defesa sanitária vegetal do Ministério da Agricultura, credenciando-se a uma melhor apreciação do assunto do que o responsável por esta seção.

Cooperativas do Paraná e Alemanha vão criar binacional para a soja

A Cooperativa Central Agropecuária do Paraná e a Organização Baywa de Cooperativas da Alemanha, realizam no momento estudos de viabilidade técnica e econômica com vistas à implantação de uma binacional para comercializar e industrializar a soja no Paraná e vender o subproduto à congênera alemã.

Para José Cassiano dos Reis Junior, presidente da Cooperativa Central Agropecuária do Paraná, que esteve na Alemanha tratando do assunto, os agricultores do seu Estado usufruirão, basicamente, dos seguintes benefícios: — comercialização garantida da produção entregue às cooperativas singulares; industrialização da soja e outros

produtos exportáveis; fornecimento de insumos às cooperativas.

O interesse da organização cooperativa da Alemanha se justifica pela garantia do fornecimento de ração para a Pecuária. Hoje, segundo os alemães, o problema maior da produção pecuária do País não consiste em preços, mas na garantia do fornecimento das rações, independentemente de problemas decorrentes de embargos de petróleo. O grupo brasileiro, no caso a Cooperativa Central Agropecuária do Paraná, terá capital majoritário — mesmo sem a participação do Governo — enquanto que a Alemanha participará da administração, trazendo tecnologia e "know-how".

SU E CALVO QUEM QUER



Um Filogenio para
se despena da cabeça,
do cabelo solto e
da barba, usa o sempre.



PILOGENIO

encontram o
medicamento
eficaz para os
males da
barba e cabelo
prostar e uretra

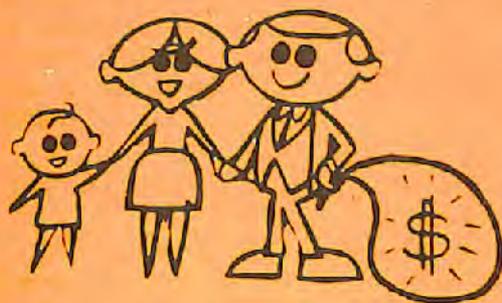


UROFORMINA

Granulado, efervescente, de
agradável sabor.

PRODUTOS GIFFONI

tranquilidade para toda vida



(e até depois dela...)

MONTEPIO COOPERATIVISTA DO BRASIL

O MAIS COMPLETO PLANO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL DO BRASIL:

- PECÚLIO A PARTIR DO 6º MES
- PENSÃO MENSAL REAJUSTÁVEL
- APOSENTADORIA POR INVALIDEZ
- RENDA MENSAL OU FAMILIAR EM VIDA APOS O 10º ANO

Beneficiários de acordo com o Código Civil ou de Livre Indicação

TABELA DEMONSTRATIVA DO -PLANO PREVICOOPER-

(Elaborada com resultados Médios do Mercado de Capitais - Ano Base 1970)

FAIXA	MENSA LIDADE	TAXA DE INSCRIÇÃO	BENE FÍCIOS	1 0 ANOS	1 1 ANOS	1 2 ANOS	1 3 ANOS	1 4 ANOS	1 5 ANOS	1 6 ANOS	1 7 ANOS	1 8 ANOS	1 9 ANOS	2 0 ANOS
10	10,00	20,00	R Mensal	82,09	113,02	153,87	206,28	281,54	379,60	511,40	687,87	924,41	1.241,60	1.668,53
			Resgate	4.594,13	6.261,72	8.537,08	11.571,40	15.641,36	21.089,28	28.410,93	38.214,85	51.355,64	68.977,67	92.585,38
20	20,00	40,00	R Mensal	185,38	226,04	307,34	418,56	563,08	759,20	1.022,80	1.375,74	1.846,82	2.483,20	3.333,06
			Resgate	9.188,26	12.523,44	17.074,12	23.142,80	31.282,72	42.178,56	56.821,86	76.429,70	102.711,28	137.955,24	185.170,76
50	50,00	100,00	R Mensal	413,45	565,10	768,35	1.041,40	1.407,70	1.898,00	2.557,00	3.439,00	4.622,05	6.238,00	8.332,65
			Resgate	22.970,65	31.308,60	42.685,30	57.857,00	78.208,80	105.448,40	142.054,05	191.074,25	256.178,20	344.868,35	462.926,90
100	100,00	200,00	R Mensal	826,90	1.130,20	1.536,70	2.082,80	2.815,40	3.790,00	5.114,00	6.878,70	9.244,10	12.416,00	16.625,30
			Resgate	45.241,30	62.617,20	85.370,60	115.714,00	156.413,80	210.892,80	284.109,30	382.148,50	513.556,40	689.776,70	925.053,80
200	200,00	400,00	R Mensal	1.653,80	2.260,40	3.073,40	4.165,60	5.630,80	7.592,00	10.228,00	13.757,40	18.488,20	24.832,00	33.330,60
			Resgate	91.682,60	125.234,40	170.741,20	231.428,00	312.827,20	421.785,60	568.218,60	764.297,00	1.027.112,80	1.379.553,40	1.851.707,60

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias - Até junho de 1972: 59 anos 364 dias - para pessoa designada: de 0 a 18 anos.

CARÊNCIA TOTAL: 12 meses.

De 12 a 36 meses (Devolução das mensalidades) - De 36 a 60 meses: (Pecúlio por morte no valor de 100 vezes a Mensalidade) - De 60 até o prazo de espera contratado (Pecúlio de resgate - em caso de Falecimento ou Desligamento).

* **RESGATE:** Vencido o prazo de espera o associado ou beneficiário pode optar pela renda mensal ou pelo Resgate correspondente à faixa e prazo contratado.

PENSÃO / AP. INVALIDEZ

PLANO	MENSALIDADE	TAXA / INSCRIÇÃO	BENEFÍCIO
Doação	10,00	20,00	150,00
- A -	20,00	40,00	300,00
- B -	35,00	70,00	500,00
- C -	50,00	100,00	750,00
- D -	70,00	140,00	1.000,00

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias - Nas coletivas: 59 anos 364 dias - Idade média do grupo: 38 anos.

CARÊNCIA: Após 180 dias, 50% - Após 360 dias, 100%.

ATENÇÃO: O plano "doação" é exclusivo para coletivas, com carência de 30 dias.

ASSOCIAÇÃO PATROCINADORA

OCB ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS

(Órgão Oficial de todo o cooperativismo brasileiro)

GUANABARA - Av. Pres. Franklin Roosevelt, 39 - salas 709-710 e 711 - Tel. 222-1639

VITÓRIA - Av. Jerônimo Monteiro, 126 - salas 904 e 905 - Tel. 34-591 - Vitória - ES

PECÚLIO COOPERATIVO

PLANO	MENSALIDADE	TAXA / INSCRIÇÃO	BENEFÍCIO
Doação	2,00	4,00	2.000,00
Básico	10,00	20,00	10.000,00
Duplo	20,00	40,00	20.000,00
Tripla	30,00	60,00	30.000,00
Espec.	50,00	100,00	50.000,00

IDADE LIMITE: 54 anos 364 dias - Nas coletivas: 59 anos 364 dias - Idade média do grupo: 38 anos.

CARÊNCIA: 48 meses.

ATENÇÃO: O plano "doação" é exclusivo para coletivas.



Os troféus entregues aos premiados

CCPL entrega troféus aos maiores produtores de leite

No dia 25 estiveram reunidos na Sociedade Nacional de Agricultura, quase 50 fazendeiros, fornecedores de leite da CCPL, para receberem os cobiçados troféus de produtividade, oferecidos pela Cooperativa Central.

O ato foi prestigiado por diversas autoridades e personalidades ilustres, entre elas, o Secretário de Agricultura do Rio de Janeiro, José Resende Peres, Octavio Mello Alvarenga, representando o Sr. Benedito Miranda, do INCRA, Elimar Tocci, representante do Superintendente da SUNAB, Rubeus de Freitas, Presidente da CBCL, Carlos Helvídio Américo dos Reis, Presidente da OCERJ, José Puoci, Administrador Regional de S. Cristóvão, José Antônio Cristóvão, Diretor do Dep. de Cooperativismo-RJ, Aloysio Resende, Presidente da COCEA, Carlos Infante Vieira, repres. de Luiz Simões Lopes, Pres. da SNA, Otto Frensel, Decano dos laticinistas do Brasil, José J. Pontes Correa, Assessor de Comunicações do Secret. Agricultura, Nilza Peres de Resende, conhecida personalidade dos meios jurídicos, renomada especialista em Direito Trabalhista, irmã do Secret. de Agric. e de Jother Peres de Resende, o grande Campeão; Antônio Aroldo G. Barbosa e Armando de Almeida, assistentes do Secret. de Agricultura, Alfredo Lopes Martins Neto, Presidente da CCPL, José Carlos Bustamante de Carvalho, Diretor-Financeiro, Pedro Augusto Gonçalves Bastos, Diretor-Comercial e diversas outras personalidades.

OS ORADORES

Os premiados foram saudados pelo Dr. Alfredo Lopes Martins Neto, Presidente, que expressou em nome



Parte da assistência, presente à solenidade, na Sociedade Nacional de Agricultura.

da Diretoria a satisfação de recebê-los e felicitou a todos pelo excelente trabalho desenvolvido em 1974, exemplo e estímulo para a Classe.

Terminando sua oração reafirmou aos presentes o firme propósito da CCPL de assegurar ao produtor de leite mercado certo para sua produção e lutar por preços compatíveis com a realidade econômica do País.

Terminada a entrega dos Troféus falou o Dr. José Ribeiro de Moura Jr., Presidente da Cooperativa de Cataguases e Conselheiro da CCPL que, em nome dos premiados, agradeceu a distinção recebida e, na oportunidade, teceu vibrantes considerações em torno dos diversos problemas da Classe.

Concluiu sua oração afirmando que os produtores de leite esperavam das autoridades a compreensão para o proble-

ma da correção do preço atual do leite e medidas concretas para a urgente regularização do assunto.

Pediu a palavra, a seguir, a Sra. Dra. Nilza Peres de Resende, Jurista de nomeada e especialista em direito trabalhista, que agradeceu a distinção recebida em nome de seu irmão, Jother Resende Peres, grande campeão de produção de leite.

A oradora que é irmã também do Secretário de Agricultura do Rio de Janeiro, Dr. José Resende Peres, preferiu brilhante oração, analisando o profundo significado daquela cerimônia e o quanto de estímulo ela levava para todos aqueles que labutavam na dura vida das atividades agro-pecuárias.

A oradora foi aplaudida de pé pela eloquência de suas palavras.

Assomou à tribuna por último o Dr.

Carlos Infante Vieira que em nome do Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, disse da satisfação da Casa em poder hospedar tão ilustres personalidades em cerimônia tão significativa.

O Sr. Secretário da Agricultura, encerrou os trabalhos da solenidade e o Sr. Presidente da CCPL convidou a todos para assistirem ao filme "CCPL 1975" e a seguir para um lanche a ser servido com produtos da CCPL.

OS PREMIADOS

O Troféu Grande Campeão de Leite, coube a Jother Peres de Resende, da coop. Vale do Rio Doce, de Gov. Valadares, MG, que foi o maior produtor da CCPL em 1974, enviando 1.147.644 litros.

O 2º lugar, Troféu "O Produtor de Leite" foi recebido por Ilton Machado da Coop. da Lat. de Itapemirim - SAFRA, no Esp. Santo, que produziu 1.027.131 litros de leite.

O "Troféu CCPL" relativo ao 3º lugar foi entregue a Afonso Costalonga da Coope. Lat. Cach. do Itapemirim, Esp. Santo, que enviou à Central 938.114 litros.

O quarto lugar foi entregue a Áurea Franco Machado, que produziu 852.580 litros, pertencendo à Coop. Agro. Pec. Vale do Rio Doce de Gov. Valadares - MG.

O quinto lugar foi recebido por José Martins dos Santos, da Usina de Pedra Lisa, de Campos, RJ, que produziu 730.263 litros.

Troféu Veiga Soares

Além dos cinco primeiros lugares, os maiores fornecedores de todas as cooperativas filiadas à CCPL receberam o "Troféu Veiga Soares". São eles: José Luciano Galhardo: 344.800 litros (Além Paraíba); Victorino Benincá: 56.393 (Alfredo Chaves); Cia. Centro Pastoril do Brasil: 375.717 (Andrade Pinto); Jonathas F. Toledo: 356.680 (Argirita); Murilo da C. Frade: 230.726 (Bicas); Faz. de Jacutinga: 129.957 (Boa Sorte); Afonso Costalonga: 938.114 (Cach. do Itapemirim); Nezio R. Martins: 433.718 (Carangola); Omar Coutinho: 356.696 (Caratinga); José R. de Moura Jr.: 349.430 (Cataguases); João Fachetti: 357.457 (Colatina); José Geraldo P. Leite: 270.365 (Rio Verde); Alcides J. Wermelinger: 228.515 (Duas Barras); Adalberto A. de Paulo: 459.661 (Entre Rios); Auler L. Thomé: 500.394 (Guaçu); Ilton Machado: 1.027.131 (Safra); Euclides C. de Oliveira:



Mesa que presidiu a cerimônia. Da esq./direita: Otto Frensel, Diretor da Revista "Boletim do Leite" e decano dos Laticinistas; Carlos Infante Vieira, Diretor Secretário da SNA; Rubens de Freitas, Presidente da CBCL; Elimar Tucci, representante da SUNAB; Octávio Mello Alvarenga, representante do Chefe do Departamento de Desenvolvimento Rural do INCRA; José Resende

Peres, Secretário de Agricultura e Abastecimento do RJ; Alfredo Lopes Martins Neto, Presidente da CCPL; Carlos Helvídio Américo dos Reis, Presidente da OCERJ e Conselheiro da CCPL; José Puoci, Administrador de São Cristóvão; José Antonio Cristóvão, Diretor Geral do Depto. de Cooperativismo do RJ e Aluizio Resende, Presidente da COCEA.



José Ribeiro de Moura Jr., Presidente da Coop. de Cataguases e Conselheiro da CCPL, agradece em nome dos premiados e profere vibrante oração em defesa dos interesses dos produtores de leite.



O Secretário de Agricultura e Abastecimento do Rio de Janeiro, José Resende Peres.



Nilza Peres de Resende, representante do Grande Campeão, Jother Peres de Resende, profere brilhante e aplaudida oração de agradecimento, em nome do premiado.



José Resende Peres e sua irmã Nilza, Alfredo Lopes com Bustamante.



197.575 (J. de Fora); José A. de Oliveira: 85.708 (Lima Duarte); Dagmar R. da Silva: 188.952 (Linhares); Elias N. Neto: 289.214 (Macaé); Paulo P. Faria: 496.413 (Macuco); Joaquim J. de Souza: 188.378 (Mar de Espanha); Mario C. Barreto: 379.871 (Mimoso do Sul); Antônio de P. M. de Aquino: 313.577 (Miracema); Faz. Reunidas Sincorá: 588.115 (Paraíba do Sul); Álvaro C. Parente: 230.890 (Raul Soares); José B. Machado: 377.319 (Rio das Flores); José P. Machado: 265.409 (Rio Preto); Valdemar L. de Oliveira: 175.843 (Roch. de Minas); Manoel T. de Souza: 231.418 (S. Antônio de Pádua); Pedro G. Barbosa: 441.389 (São Fidélis); Luiz O. Gonçalves: 321.376 (S. João Nepomuceno);

Aroldo de O. Rangel: 14.458 (São Vicente de Paulo); Sílvio de A. Bastos: 171.414 (Sossego); Filhos de Júlio Lander: 539.488 (Teófilo Otoni); Jother P. de Resende: 1.147.644 (Vale do Rio Doce); Luiz M. Dias: 64.974 (Vale do Xopotó); Cid Tavares: 172.366 (Visc. de Imbé); Geraldo G. Brigatto: 145.533 (Central-Faja); Irmãos Rocha: 424.062 (Laranjal); José Martins dos Santos: 730.263 (Pedra Lisa); Gladys R. B. Junqueira: 409.839 (Recreio); Plínio Dutra Barros: 264.337 (Rio Pomba); Paulo S. de Carvalho: 85.061 (Ubá);

Receberam ainda a "Placa de Prata", Jother Peres de Resende e Ilton Machado, por terem ultrapassado a barreira de 1 milhão de litros.

Criação de rãs como fonte de carne

Acácio Miguel Szechy (*)
Diretor Técnico da SNA

Com uma freqüência relativamente fora do comum, o Departamento de Agropecuária da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro, recebe interessados em criar rãs.

Quer no âmbito nacional, quer na literatura estrangeira, infelizmente, poucos são os trabalhos sobre esta espécie animal tão útil e em geral é difícil conseguir algo a respeito. Esta é a razão deste trabalho desprezencioso que procura apenas transmitir algumas informações básicas.

De regra, quase inexitem criadores que exerçam esta atividade em caráter de exploração industrial e se a lucratividade não for algo atraente como negócio, a rãicultura deve ser praticada por proprietários rurais que possuam fonte de água corrente, pois terão um grande entretenimento e carne de primeira categoria.

Dados biológicos

As rãs, como os sapos, são semelhantes entre si, porém com características próprias bem marcantes. Para quem as conhece, a diferença é a mesma notada entre um burro e uma zebra.

As rãs pertencem à ordem dos ANUROS, subclasse dos BATRÁQUIOS, são espécimes ANFÍBIOS, de sangue frio e necessitam de água para viver, principalmente na primeira idade.

Nascem de ovos e passam por grandes metamorfoses — (transformações). Do ovo sai a larva que se transforma em girino, de início sem patas, vive no plancton (conjunto de seres diminutos, vegetais e animais, que vivem em águas marinhas e lacustres) e se alimenta a custa destes pequenos seres vivos.

Entre o 3.^o e o 6.^o mês, aparecem as patas (primeiro as posteriores), período em que apresentam a cauda, a qual vai diminuindo progressivamente e ao fim do 6.^o mês, os exemplares se afiguram como rãs, embora ainda pequeninas.

Depois da fase larvaria, passam a se alimentar de seres vivos maiores, mas há tentativas de alimentação à base de rações apropriadas.

(*) — Médico Veterinário/Zootecnista, Diretor do Departamento de Agropecuária da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro



Instalações

Devem ser simples, econômicas, duráveis e principalmente funcionais. A criação extensiva (em banhados naturais) sofre com os seus inimigos naturais, mormente cobras, o que obriga a construção de ranários devidamente protegidos e à prova de predadores (animais que comem rãs: cobras, peixes, aves, ratos, lagartos etc.).

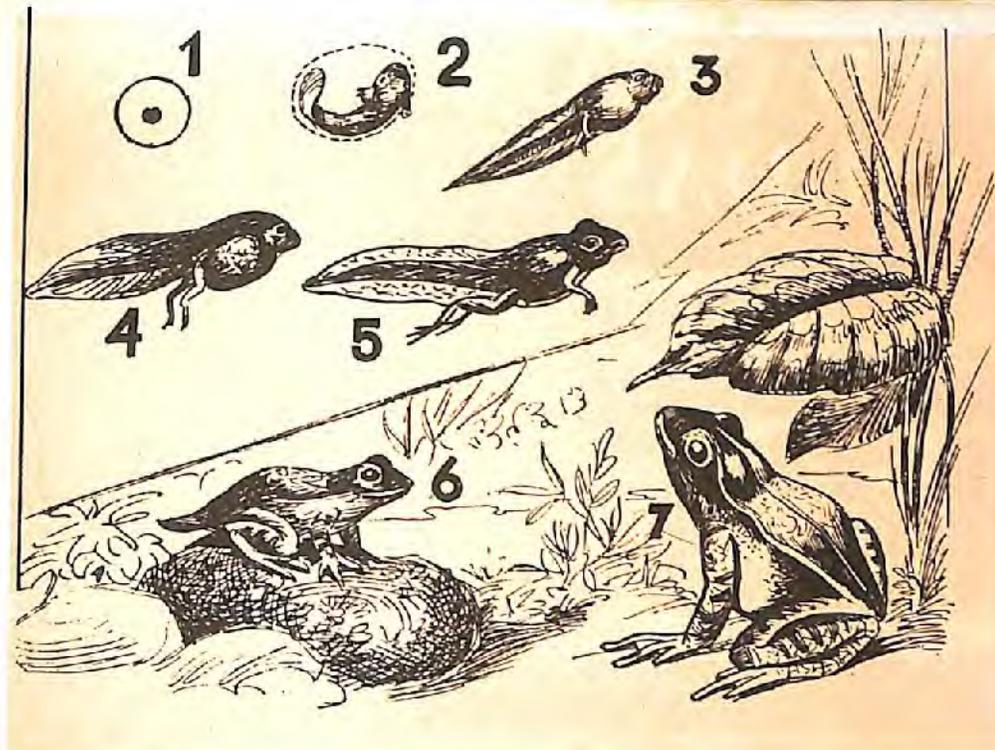
As improvisações são contra-indicadas, de maneira que o investimento inicial deve ser inteligentemente aplicado.

Em Pindamonhangaba, a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo mantém um ranário moderno, construído segundo as melhores normas técnicas.

Os cercados são quadrados (atenção: esta é a figura geométrica de menor perímetro, razão porque a cerca se torna mais econômica), com 15,00 metros de lado. Um quadrado de 30,00 m dividido em quatro, já é um bom começo.

A cerca de zinco (1,00 de altura) — que poderá ser de folhas planas de "eternit", se apóia numa base de concreto de 0,20 m.

Da superfície de cada divisão (cercado) — 60% são cobertos com água, podendo ter uma ilhota central. Boa prática, segundo o Sr. Alcides Ramos Nogueira — Chefe do Ranário, em Pindamonhangaba — S.P., é a construção de túneis submersos, feitos de pedras ou manilhas, de diâmetro suficiente para abrigar as rãs sem feri-las.



- 1 - ÔVO;
- 2 - LARVA;
- 3 - GIRINO;
- 4 - GIRINO COM 2 PATAS;
- 5 - COM 4 PATAS;
- 6 - RÃ AINDA COM RAMO;
- 7 - RÃ JOVEM.

A água deve ser corrente, de fluxo controlável, em pequeno volume, livre de ovos e larvas de traíras. A entrada de água deve ser tal que impeça a intromissão de cobras e outros inimigos. A área em terra deve ser gramada e o sombreamento deve ser de tal forma que os predadores, através das mesmas, não venham a entrar nos cercados e por isso as árvores devem estar por dentro, pois por fora, servirão como ótimos tranpolins.

Será interessante pensar em poder esgotar os tanques de quando em quando, o que permitirá o controle da população, inclusive a eliminação de predadores que ardilosamente ali tenham penetrado.

Alimentação

Excluindo os custos na construção dos cercados e tanques, a alimentação é o fator limitante na criação de rãs e antes foi o motivo dos insucessos verificados.

Faltando alimento em volume e qualidade, as rãs, carnívoras que são, passam a devorar os exemplares menores, dizimando a população. A classificação dos exemplares por categoria de idades, o melhor conhecimento de sua biologia, permitem o controle do problema.

Como alimentá-las então?

Os insetos são boa fonte de alimentos e devem ser atraídos, à noite, através de focos de luz. A criação de peixinhos — lebistes, tilapinas, guarus, é outra forma de conseguir-se bom alimento, mas, este deve ser barato e abundante.

O sangue fresco, de qualquer origem, misturado a fezes de bovinos, constitui-se em "fábrica" de larvas de moscas, ótimo alimento das rãs. A mistura sangue-esterco deve ficar abrigada nos mosqueiros. Os mosqueiros em última análise são um cocho de madeira, com 15 cm de altura, 30cm de largura, 2,00m de comprimento, pés de 15cm de altura, fundo de tela fina e coberto com zinco. As larvas caem, através as malhas da tela, ao solo, onde as rãs as aguardam.

Outro meio prático, é o aproveitamento de animais mortos, que, abstraindo o mau cheiro e necessidade de combate aos urubus, proporcionam esplêndido material de produção de larvas. Finalmente, outra forma (Alcides Ramos Nogueira) é a produção de larvas de moscas através penas de aves obtidas de abatedouros. Colocadas no chão, em montículos, atraem as moscas e são geradoras de muitas larvas.

Com prática e espírito de observação, os meios de obtenção de alimentos se aperfeiçoam e cada qual adotará o que for mais conveniente.

A rã touro gigante

As nossas rãs nativas dão pouco peso. A rã americana chamada cientificamente *Rana catesbiana* — Shaw, é a espécie indicada. Aos 18 meses chega ao ponto de comercialização, período que poderá ser algo abreviado com alimentação boa e farta.

Os exemplares poderão ser adquiridos no Ranário de Pindamonhangaba — São Paulo.

A rã na culinária

Não existe carne de mais fácil digestão e gostosa como a da rã. Frita ou a milanesa, a rã é um prato nobre e agrada a todos. É tão rica e digestível que serve como dieta para pessoas idosas e convalescentes.

Conclusão

Nos sítios e nas fazendas, um pequeno criatório de rãs é medida de grande alcance. Fonte de boa carne, ocupação sadia e agradável só poderá proporcionar grandes satisfações.

Mais carne em pequeno espaço é uma meta a mais a ser alcançada pelos ruralistas.

FAZENDA CAPELA DE SÃO JUDAS TADEU



Proprietário: Engenheiro Agrônomo JOÃO BUCHAUL

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

Entre as Estações de Rio Dourado e Professor Souza
Casimiro de Abreu — Estado do Rio de Janeiro

Endereço para correspondência:
Avenida Atlântica, 3940 — apto. 702 — Copacabana — Tel. 247—8890



GIR LEITEIRO

O acasalamento de vacas mestiças com touros da raça GIR produz maior número de bezerros, possibilita maior lactação, o bezerro se contenta com menos leite e não há problemas de parto.

Além disso, todo criador experiente sabe que "campeiro não tira leite de vaca brava".



PUSHPANO KRISHNAGAR JAC
Campeão em diversas exposições
fluminenses e mineiras

CONSULTE-NOS PARA UM BOM NEGÓCIO



LIVROS E PUBLICAÇÕES

Sylvia Maria da Franca
Resumo com Apreciação



CAMARGO, Paulo Nogueira de & SILVA, Ady — **Manual de adubação foliar**. São Paulo, Editora e Distribuidora Herba Ltda., 1975. 258 p.

Trata da adubação foliar das plantas e esclarecendo aos agricultores sobre a mais avançada técnica de nutrir a planta.

Apresenta as incontáveis vantagens da adubação foliar, como complemento ou suplemento da adubação radicular.

Abrange também o tratamento dos ramos novos e adultos das estacas e dos troncos por meio de pulverização de adubos.

Cita exemplos do aproveitamento pelas plantas, da adubação foliar e do uso nas diversas fases do crescimento.

Indispensável para um bom conhecimento da moderna técnica de adubação foliar, dando ao leitor uma visão dos princípios que regem a absorção e o movimento dos nutrientes nas plantas. EXCELENTE TRABALHO.

DICIONÁRIO TÉCNICO DE AGRICULTURA

Contém tudo sobre agricultura, olericultura, silvicultura, fruticultura e reflorestamento. É um manual prático, com mais de 130 tipos de culturas, em ordem alfabética, trazendo ainda um caderno especial de "Manual de Herbicidas e Fungicidas", com as respectivas tabelas de aplicação.

Obra indispensável a estudantes, fazendeiros e todos que se interessam pelo desenvolvimento da agropecuária. Editado pela Editora Girassol Ltda.



VOISIN, André — **Produtividade do pasto**. São Paulo, Mestre Jou, 1974. 520 p.

Trata de uma investigação sobre a exploração racional do pasto, destinado ao gado, com uma análise dos inúmeros erros que acontecem na condução do pastoreio racional, dando as soluções mais variadas no sentido de duplicar ou mesmo triplicar o rendimento por hectare.

A melhoria das pastagens ocasionará o desenvolvimento da pecuária permitindo melhor aproveitamento dos pastos, no sentido de aumentar a produção não só da carne como do leite.

A falta de tecnologia no cuidado com os pastos, torna este trabalho indispensável a todos os que se dedicam a criação, não só pelo melhoramento das áreas, como na qualidade e melhoria da criação. EXCELENTE TRABALHO.

PREZADO LEITOR:

Colabore para o maior enriquecimento da Biblioteca da Sociedade Nacional de Agricultura, oferecendo-nos livros ou folhetos que tratem de assuntos agrônômicos e técnicas agrícolas.

Agradecemos antecipadamente àqueles que atenderem a nossa solicitação.



PASSOS, Claribalte — **Universo verde; ciclo da cana-de-açúcar, contos**. Rio de Janeiro, IAA, Serviço de Documentação, 1975. 223 p. (Coleção canieira, n. 17).

É uma coletânea de quinze estórias vividas no ambiente típico do Nordeste, levando o leitor a um quadro harmônico da paisagem do homem e de seus costumes, como integrante de um novo ciclo da cana-de-açúcar.

Podem ser consideradas como pequenas sagas canavieiras, qual seja o de apresentar um panorama do Nordeste verde, com seus valores paisagísticos, humanos e sociais, sintetizado pelo expressivo título. TRABALHO INTERESSANTE.

Endereços das Editoras das publicações em referência nesta edição

- Editora e Distribuidora Herba Ltda.
Rua Júlio Conceição, 89
São Paulo — SP
- Editora Girassol Ltda.
Rua Anhangüera, 50
Barra Funda — SP
- Editora Mestre Jou
Rua Guaipá, 518
Vila Leopoldina — SP
- Instituto do Açúcar e do Alcool
Serviço de Documentação
Praça Quinze de Novembro, 42.
Rio de Janeiro — RJ

A Biblioteca da Sociedade Nacional de Agricultura é Depositária da FAO, franqueada ao público no horário das 12:00 às 17:00 horas.

Teste de performance para suínos (para ser realizado na própria fazenda)

Por Darke Kroeske (FAO)

Traduzido e adaptado para as condições brasileiras por Vicente P. M. Peloso, veterinário - zootecnista.

O criador de suínos pode, por si mesmo, melhorar sua criação, tornando-a mais produtiva e lucrativa.

O sistema de melhoramento aqui recomendado, diminui rapidamente a produção de gordura, aumentando a produção de carne na carcaça. É um processo barato que vem sendo utilizado, com grande sucesso, na Noruega desde 1966 e também na Inglaterra e Holanda.

Levando-se em consideração que a variação genética dos suínos no Brasil, é maior do que a principal raça criada na Noruega, a Landrace, espera-se, aqui, um progresso mais rápido.

Para que o teste seja conduzido a nível de fazenda, é necessário:

- um técnico extensionista ou o próprio criador habilitado;
- uma balança capaz de pesar até 100 Kg;
- uma régua de medir a espessura do toicinho ou, preferencialmente, um aparelho de ultra som e;

- um veículo (Kombi c/ a balança) no caso do processo ser conduzido por cooperativa ou entidade promotora da transferência da tecnologia.

Há necessidade, também, do criador manter um sistema de identificação individual e de registro na data de nascimento dos animais, de modo que se possa determinar, através do peso, entre 5 a 8 meses, o ganho diário. O ganho diário, ou velocidade de ganho em peso, é uma das mais importantes características econômicas em suínocultura.

Entre as idades acima referidas, isto é, 5 e 8 meses, será realizada a medida da espessura do toicinho de cobertura. A espessura do toicinho é outra variável econômica importante, uma vez que guarda correlação negativa com a produção de carne na carcaça. Isto é, animais com menor espessura de toicinho produzem mais carne na carcaça. Em virtude da espessura do toicinho variar de acordo com o local a ser medido, é necessário estabelecer-se a média de 4 medidas e em locais que tenham maior correlação com a carne na carcaça. Estes pontos (locais) são os seguintes:

- toma-se o ponto 0 (zero) apenas como ponto de referência para os pontos 1, 2, 3 e 4 que devem estar distanciados de 4 a 5 cm da linha mediana, sendo indiferente se do lado esquerdo ou direito. O ponto 0 (zero) é localizado por uma linha circular, tangente e posterior às paletas. O ponto 3 é localizado por uma linha circular e

FAZENDA _____ PROPRIETÁRIO _____
 ENDERÊÇO _____
 MUNICÍPIO _____ ESTADO _____

REGISTRO DE BARRIGADA

Porca _____ N.º _____ Identificação _____
 Pai _____ Mãe _____
 Coberta por _____ Data _____ Data provável do parto _____
 Data do parto _____ M F Registráveis M F Peso ao nascer _____
 Desmamados _____ M F Registráveis M F Tipo _____ Pêso _____



direita esquerda Pelagem

N.º do leiteo _____
 Sexo _____ Registrável _____ Focinho _____ Tetas _____ D _____ E _____
 Idade _____ Pêso _____ Idade _____ Pêso _____ Idade _____ Pêso _____

Nome _____ N.º _____
 Saída _____ Data _____
 Endereço _____ Preço _____
 Observações _____

direita esquerda Pelagem

N.º do leiteo _____
 Sexo _____ Registrável _____ Focinho _____ Tetas _____ D _____ E _____
 Idade _____ Pêso _____ Idade _____ Pêso _____ Idade _____ Pêso _____

Nome _____ N.º _____
 Saída _____ Data _____
 Endereço _____ Preço _____
 Observações _____

REGISTRO GERAL DE NASCIMENTO E CONTROLE DA DESCENDÊNCIA

N.º	RAÇA	SEXO	DATA NASC.	FILIAÇÃO		GANHO DIÁRIO	ESP. DO TOICINHO	CLASSIFIC.
				PAI	MÃE			

tangente à última costela. Para localização dos pontos 1 e 2, divide-se o espaço entre 0 e 3 em três partes iguais. O ponto 4 tem a mesma distância entre 2 e 3. Obtém-se, assim, os pontos de medida 1, 2, 3 e 4 que são equidistantes entre si, longitudinalmente e equidistantes lateralmente da linha mediana (pontilhada na figura), de 4 a 5 cm. A medida da espessura do toicinho deve ser realizada rigorosamente entre 4 e 5 cm da linha mediana e a medida real é expressa pela média aritmética das 4 medidas (1, 2, 3 e 4). O ponto zero não é medido.

O ganho diário ou velocidade de ganho em peso é determinado dividindo-se o peso vivo pelo n.º de dias de vida. Por exemplo: um animal com 180 dias de vida pesou 76,5 Kg. Seu ganho diário foi de 425 g. ($76,5 \div 180$). Medida a espessura do toicinho, obteve-se 2,5 cm. O que fazer com esses n.ºs? Eles são levados a uma tabela de pontos, obtendo-se dois n.º que devem ser somados e divididos por 2. O resultado é o ÍNDICE do animal.

Alguns exemplos

1. Suponhamos uma leitoa n.º 33, nascida em 17 de maio e pesando 76,5 Kg. em 14 de novembro. A média da espessura do toicinho é de 24mm. Qual o ÍNDICE DE SELEÇÃO DESTE ANIMAL? Entre 17 de maio e 14 de novembro decorreram-se 180 dias. Conseqüentemente, o ganho em peso foi de:

$$76,5 \div 180 = 425 \text{ gramas}$$

De acordo com a tabela, este animal obteve os seguintes pontos:

- para o ganho diário = 50
- para a espessura do toicinho = 50

O ÍNDICE DE SELEÇÃO É, ENTÃO:

$$\frac{50 + 50}{2} = 50$$

2. Um varrão nascido em 27 de abril pesou, em 14 de novembro, 94,0 Kg. A média da espessura do toicinho é de 19 mm. Entre 27 de abril e 14 de novembro decorreram-se 200 dias. O ganho em peso foi, então de:

$$94,0 \div 200 = 470 \text{ gramas}$$

De acordo com a tabela, este animal obteve os seguintes pontos:

- para ganho diário = 80
- para a espessura do toicinho = 70

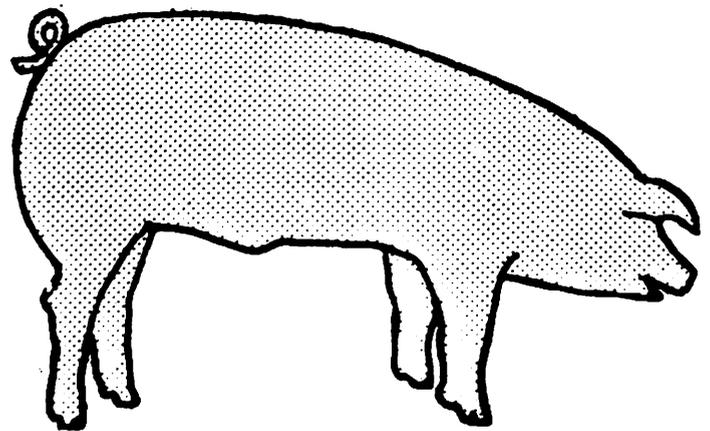
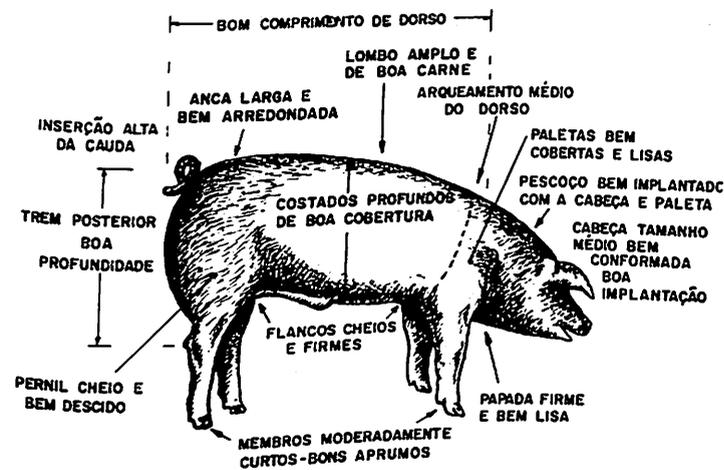
O ÍNDICE DE SELEÇÃO É, ENTÃO:

$$\frac{80 + 70}{2} = 75$$

TABELA DE PONTOS

ESPESSURA DO TOICINHO (mm)	PONTOS	GANHO DIÁRIO (g)	PONTOS
10	100	500	100
13	90	485	90
16	80	470	80
19	70	455	70
22	60	440	60
25	50	425	50
28	40	410	40
31	30	395	30
34	20	380	20
37	10	365	10
40	0	350	0

EXTERIOR DE UM ANIMAL TIPO CARNE



Considerações complementares

É claro que o maior ÍNDICE que se pode obter, com a tabela de pontos, é 100, e que o menor é 0 (zero).

Animais que estão sendo selecionados por esse processo entre as idades de 5 a 8 meses, não devem ter uma espessura de tocinho maior que 40mm e um ganho menor que 350g. Animais excepcionais podem ultrapassar de 500 gramas de ganho diário e apresentarem uma espessura de tocinho menor que 10mm. Neste caso, deve ser adicionado ao seu Índice, um ponto a mais para cada 0,3mm a menos de espessura de tocinho ou 1,5 gramas de ganho diário.

Considerando que as duas características econômicas, estabelecidas no ÍNDICE, são de alta herdabilidade e que ambas apresentam grande variação entre os suínos brasileiros, é de se esperar um rápido melhoramento nas fazendas que se dispuserem a adotar o processo.

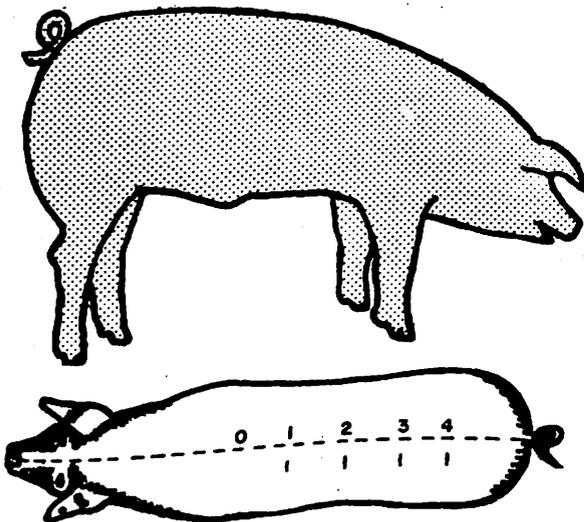
REGISTRO

Anexadas, ao presente trabalho, estão duas fichas e a figura do tipo ideal de suíno para carne.

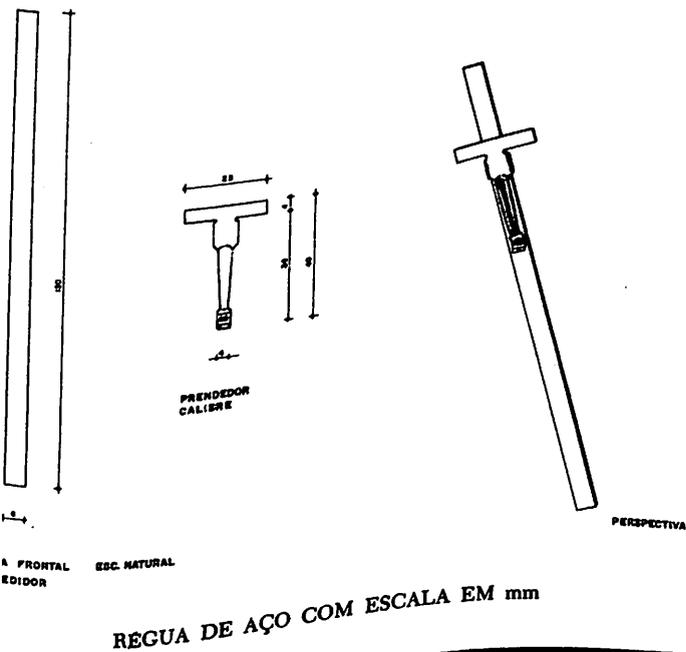
A primeira ficha (anexo 1) diz respeito ao registro de barrigada. Cada ficha serve a uma parição, controlando os animais até à desmama. A segunda (anexo 2) serve para o registro geral dos animais na Fazenda, com os dados relativos ao ganho diário, espessura do tocinho e classificação referente a essas duas variáveis econômicas.

A figura (anexo 3) mostra como deve ser o exterior de um animal para a produção de carne.

O técnico que transfere a tecnologia, ou aquele que julga, deve sempre procurar compatibilizar o trabalho de melhoramento genético com o tipo de animal. Animais com exterior imperfeito ou que mostrem falhas desclassificantes ou defeitos genéticos (hérnias, assimetrias, pêlos encardados ou redemoinhos, etc.) devem ser eliminados da criação.



LOCAIS PARA A MEDIDA DA ESPESSURA DO TOCINHO (1-2-3-4)



Butz vê nova cooperação agrícola dos EUA com Brasil e Venezuela

O Secretário de Agricultura dos EUA, Earl L. Butz, disse que os Estados Unidos vêem "oportunidades substanciais de uma nova cooperação no setor agrícola com os governos do Brasil e da Venezuela". De regresso a Washington após uma viagem de nove dias às duas nações sul-americanas, o Secretário Butz informou que tanto o Brasil como a Venezuela deverão proporcionar mercados cada vez maiores para os produtos agrícolas norte-americanos.

"Embora o Brasil seja um dos maiores concorrentes da agricultura norte-americana no comércio mundial de alguns produtos, vejo muitas oportunidades de cooperação — na formação de mercados, na liberalização comercial, e na melhoria da tecnologia agrícola", disse o Secretário. Ressaltou ainda os seguintes pontos:

1) Examinaremos com os produtores e grupos comerciais norte-americanos a oportunidade de trabalharmos com o Brasil na ampliação do mercado mundial para a soja e seus derivados. Existe uma grande oportunidade de aumentar-se o emprego da farinha de soja para alimentação do gado e de aves de abate em todo o mundo, bem como no Brasil. Há potencial para expandir-se o mercado mundial para o óleo de soja, principalmente por meio da comercialização no varejo do óleo de soja "identificado" como tal, e não simplesmente como um óleo vegetal. Existe também a oportunidade de aumentar o emprego das proteínas da soja diretamente como alimentação para o homem, nas formas tradicionais desenvolvidas na Ásia e nos produtos da moderna tecnologia proteínica. O Brasil e os Estados Unidos, como principais exportadores mundiais do produto, seriam amplamente beneficiados por uma expansão generalizada no consumo mundial da soja.

2) Tanto o Brasil como os Estados Unidos, na qualidade de grandes exportadores de produtos agrícolas, têm

interesses comuns por um comércio mais liberal. Debati com o Ministro da Agricultura Alysso Paulinelli, do Brasil, a necessidade de consultas recíprocas à medida que progredirmos nas negociações comerciais multilaterais de Genebra. Tanto o Ministro Paulinelli como outras autoridades brasileiras reconhecem que nossos países possuem interesses idênticos na redução das barreiras para os produtos agrícolas. Ano passado, o Brasil exportou 4.5 bilhões de dólares em produtos agrícolas, sendo que o café e o açúcar são os responsáveis pela metade deste total. Os Estados Unidos exportaram 22 bilhões de dólares em produtos agrícolas, sendo que os grãos representaram a metade dessas exportações.

3) O Brasil superou os tipos de assistência técnica baseada na ajuda financeira dos Estados Unidos. Os brasileiros, entretanto, mostram-se interessados num intercâmbio de



equipes técnicas, principalmente nos setores da conservação do solo e da água, irrigação, e no sistema norte-americano de transmissão de novas tecnologias e pesquisas aos agricultores. Em prestaremos nossa colaboração ao Brasil nesses setores em bases reembolsáveis.

"Discutimos tanto na Venezuela como no Brasil, a necessidade de uma produção eficaz, com um comércio baseado em vantagens mútuas. O Brasil, por exemplo, exportou café para os Estados Unidos, no ano passado, no montante de 302 milhões de dólares, enquanto que os Estados Unidos exportaram trigo e farinha para o Brasil no valor de 171 milhões de dólares. O Brasil pode oferecer os produtos tropicais de que necessitamos, enquanto que os Estados Unidos produzem certos artigos característicos de zonas temperadas. Esta deve ser a base para a ampliação do comércio", finalizou o Secretário Butz.

As três sementes

Rio, 12 de junho de 1975
Caro Colega e Amigo Repsold

Se V. resolver desperdiçar uma página de "A Lavoura" com este inosso conto que, para sua liberdade, vai com o pseudônimo de Geaga, ficarei encorajado e lhe mandarei, posteriormente, uns três ou quatro outros mais alegres e interessantes sobre fatos e aspectos da vida no interior do nosso País, ocorridos aí pela década dos vinte.

Com um abraço do admirador
Geaga

Era uma vez uma frondosa árvore carregada de saborosos frutos, dentre os quais um se destacava pelo seu tamanho e beleza. Gerou ele três sementes que foram criadas e educadas com todo o carinho e desvelo. Desenvolveram-se e, como todos gêmeos univitelinos, eram tão parecidas física e moralmente que quase não se podia diferenciar uma da outra. Tinham todas o mesmo ideal: transformarem-se em belas árvores, florescerem e darem gostosos frutos com outras tantas sementes que lhes dariam numerosas proles para lhes perpetuarem a memória.

O fruto amadureceu orgulhoso de suas filhas; fez deiscência e aguardou que o vento as levasse para cumprir seus esperançosos ideais. Este delas se apossou para deixá-las cair mais adiante.

A primeira, foi largada em um local completamente estéril, castigado pelos ardentes raios solares que logo a secaram e a transformaram em pó.

A segunda, foi deixada em um terreno pobre, quase sem umidade, mas sua vontade de viver era tanta que conseguiu germinar e emitir tênuas raízes que saíram a procura do raro alimento e da pouca umidade que havia. Sua vida passou a ser uma constante luta contra a fome e a sede para sustentar um enfesado caule nodoso e entortilhado pela dor. Sua folhagem era escassa e das poucas flores que conseguiu criar, raras foram aquelas que se transformavam em raquíticos frutos que logo abortavam. A sua tristeza não tinha limites; jamais recebeu ela um olhar de simpatia ou de comiseração. Definiu, morreu, secou, tombou e transformou-se em pó.

A terceira, caiu em terreno fértil, rico e humoso. Protegida por Cibele germinou rapidamente; suas raízes logo alimentaram um lindo caule que se desenvolvia a olhos vistos. Em breve seu tronco engrossou, tornou-se robusto, roliço e reto; corria nele seiva com tanta fartura que quase se podia ouvir seu rumorejar. Em pouco tempo transformou-se na mais alta, bela e admirada árvore da redondeza; sua vasta copa era tão grande e densa que mal deixava filtrar uma tênue claridade ao redor de seu tronco, impossibilitando outros vegetais que dele se aproximasse. Na primavera seus longos galhos cobriam-se de

flores, numa verdadeira festa para a vista. As flores transformavam-se em suculentos frutos que vergavam seus possantes galhos. Quando amadureciam os pássaros, em alegres revoadas, neles se fartavam e, em agradecimento, com seus lindos trinados, formavam belas orquestras.

Ela conseguira realizar o ideal de sua juventude, só lastimando a triste sina de suas saudosas irmãs. Quando o vento soprava com certa violência, todas as árvores e a vegetação de sua proximidade inclinavam-se; ela, porém, mantinha-se erecta e só sua folhagem se dignava mover-se, em franco desafio ao deus Éolo. Desse desdém este queixou-se a Vulcano que, para vingar o parente e amigo, forjou um possante raio e, em meio a forte tempestade, o dirigiu à orgulhosa árvore, arrancando-lhe seu mais belo galho e abrindo-lhe enorme ferida no tronco. A seiva logo para ali correu a fim de curá-la, mas para ali também correram enxames de insetos para se fartarem no gostoso líquido; a ferida infeccionou-se, tornando impossível a cicatrização e alargando o ferimento.

A casca da árvore, por sua vez, foi ficando rugosa dando guarida a insetos e parasitos predadores. Um passarinho nela evacuou minúscula semente de mata-pau que, em breve germinou e se desenvolveu à custa do restante da seiva. Veio a dispnéia e a fome; as folhas do restante da copa começaram a perder a clorofila, a amarelecer e a cair, tornando-a calva. A vegetação rasteira foi lentamente chegando junto ao tronco, sugando a pouca seiva que suas velhas raízes conseguiam retirar na difícil concorrência com outros vegetais.

Mas a velha árvore continuava a lutar pela sobrevivência que se tornava cada vez mais árdua e difícil, numa lenta e demorada agonia. Enfim veio o coma e não mais suportou. Sua agonia foi tão longa e penosa que, em seu certificado de óbito, não pode ser registrado o dia exato em que atravessou o Aqueronte. O seu esqueleto ficou por muito tempo de pé, tendo como mortalha o mata-pau, até que um dia desabou por terra. Foi sepultado pela vegetação, apodreceu e transformou-se em pó.

Em face da vida, qual das três sementes foi a mais feliz? Em face da eternidade, qual delas viveu mais tempo? — GEAGA

PROAGRO: O que é isto?

- 1) É uma providência que o Governo Federal tomou agora a fim de evitar que agricultores e criadores tenham que pagar os empréstimos tomados nos Bancos ou Cooperativas quando ficar provado que as lavouras não safejaram ou os animais adoeceram ou morreram por motivo de seca ou chuva demais, pragas, doenças, e outros males desconhecidos e sem remédio;
- 2) Para ter direito a esta garantia o agricultor ou criador pagará mais 1% a.a. (um por cento ao ano) sobre a dívida nas mesmas épocas em que liquida os juros do empréstimo no Banco ou Cooperativa, ou seja, 30 de junho e 31 de dezembro de cada ano;
- 3) Quem aceitar o PROAGRO fica obrigado a seguir os ensinamentos dos técnicos do Banco ou da Cooperativa, que emprestam o dinheiro para as lavouras e criações;
- 4) Aceitando a garantia do PROAGRO para um determinado empréstimo, não pode o produtor rural comprometer os rendimentos esperados noutra empréstimo amparado pelo mesmo Programa;
- 5) Obtido o empréstimo e se este for garantido pelo PROAGRO, o produtor rural não poderá ser dispensado do pagamento de 1% até pagar a dívida;
- 6) Se o produtor rural deixar de pagar esta taxa nas épocas acima indicadas, será multado em 10% sobre o valor correspondente ao 1%, por todo mês ou fração de mês depois de 30 de julho ou 31 de janeiro de cada ano;
- 7) Somente as Cooperativas que tenham seção de crédito poderão ser Agentes do PROAGRO. As Cooperativas de outros tipos serão beneficiárias do PROAGRO mas não seus Agentes;
- 8) PROAGRO quer dizer PROGRAMA DE GARANTIA DE ATIVIDADE AGROPECUÁRIA e foi criado pela Lei 5.969 de 11.12.73, mas somente em 09.10.74 é que seu Regulamento foi aprovado pelo Conselho Monetário Nacional. Quem administra o PROAGRO é o Banco Central do Brasil;
- 9) Uma das principais vantagens do PROAGRO é convencer o produtor rural a trabalhar menos e melhor com a utilização de técnicas adequadas à exploração de suas atividades rurais, como máquinas, adubos, boas sementes, etc. etc..., e também aceitando a orientação dos técnicos (agrônomos e veterinários) que visitarão as propriedades;
- 10) Com isto o produtor rural vai aumentar e melhorar a produção de suas lavouras e criações, sem receio de se aperriar quando não tem inverno e muitas outras dificuldades que vão prejudicar o pagamento dos empréstimos no Banco ou na Cooperativa, pois aí é que o PROAGRO aparece para cobrir a dívida em mais ou menos 80% (oitenta por cento) do dinheiro levantado.

São Pedro dos Ferros capital do Zebu Leiteiro

Venha conhecer os rebanhos zebuínos que lideram as estatísticas mundiais.



LAMINA, RE, LM, uma das reprodutoras da

ESTANCIA KANKREJ José Resende Peres



PRATINHA, RE, LM, da raça Gir, com 5.749 em 365 dias, uma das vacas do famoso plantel da

FAZENDA BRASÍLIA Rubens Resende Peres

Estamos a 3,30 horas de Belo Horizonte, via Ouro Preto-Ponte Nova-Rio Casca.

Reparta conosco o sucesso, injetando rusticidade e alta produção de leite em seu rebanho leiteiro, a um só tempo!

E venha ver as maravilhosas novilhas Holando-Zebus - sinônimo de leite a mais baixo custo. Amochadas, vacinadas contra brucelose, aftosa e carbúnculo sintomático.

Informações no Rio:
Rua Marquês de Abrantes, 11 - Ap. 501
2C-01 - Tel.: 252-5529 - 265-3654

Silagem: recurso para época seca

Eng.º Agr.º Sérgio Santana de Menezes (da ANCAR/SE)

A falta de boas pastagens durante o chamado período da seca é, indiscutivelmente, um dos mais importantes problemas enfrentados pela pecuária bovina. No entanto existem diversos processos para suprir a insuficiência de alimentos observada naquela época, um dos quais representado pela ensilagem, aproveitando as sobras de pastos, no inverno, de culturas de milho e sorgo de forrageiras oriundas de capineiras, etc.

ASPECTOS GERAIS

Sabe-se que a produção e a qualidade (valor nutritivo) das pastagens não apresentam os mesmos níveis durante todo o ano. Em grande parte, este fato é determinado pela irregularidade da precipitação pluviométrica, a qual estabelece dois períodos bastante distintos: o das águas e o da seca. No primeiro, onde se encontra a maior proporção de chuvas anuais, há maior produção forrageira pelos pastos, e conseqüentemente, maior disponibilidade de alimentos de melhor qualidade para os animais. No segundo, constata-se acentuada escassez de alimentos, devido sobretudo à menor intensidade de chuvas, por se encontrarem as plantas com seu valor nutritivo bastante diminuído e, ainda, por ser consideravelmente pequeno, e às vezes até mesmo nulo, o seu desenvolvimento vegetativo.

No entanto, as exigências alimentares dos animais são mais ou menos uniformes durante o ano, do que se pode deduzir que em regime exclusivo de pasto eles não podem apresentar na seca as mesmas produções observadas nas águas. Em outras palavras, quando as pastagens tem a sua produção e qualidade diminuída é necessário proporcionar aos animais outros alimentos, capazes de atenderem às suas necessidades alimentares, e, assim manter o ritmo de produção.

USO É INTERESSANTE

Os especialistas em arração animal definem a silagem como um dos mais eficientes e menos onerosos recursos para garantir a suplementação alimentar no período, e cuja preparação tem lugar no verão, com utilização das sobras de pastos, de material proveniente de capineiras, de culturas de milho e de sorgo, etc.

É certo que este método de armazenagem e de conservação de alimentos volumosos implica em maiores gastos na construção de silos, em, aumento de trabalho quando da ensilagem e do fornecimento aos animais, além de não poder ser recomendado como único suplemento alimentado, pois, em geral, apresenta-se pobre em proteína e em sais minerais. Em contrapartida, a ensilagem revela uma série de vantagens, que tornam seu emprego interessante:

- Diminuir as despesas de alimentação, por reduzir o emprego de concentrados e cereais.

- Possibilita a manutenção de maior número de animais por unidade de área.

- Em geral, melhora a palatabilidade e a digestibilidade das forrageiras.

- Torna viável a utilização de plantas grosseiras.

- Permite total aproveitamento das plantas.

- É um sistema que independe de condições climáticas, podendo ser efetivado desde que haja disponibilidade de material.

- O produto final mostra quase toda composição inicial, em termos de princípios nutritivos.

- Assegura o aproveitamento das sobras de pastagens no período das chuvas.

ASPECTOS BÁSICOS

Existem alguns pontos importantes a ser levados em conta para a obtenção de uma silagem que encerra boas qualidades nutritivas:

- 1 - Época do corte da forrageira
- 2 - Tipo da forrageira
- 3 - Picagem do material
- 4 - Tempo gasto no carregamento
- 5 - Compactação e isolamento do material ensilado

Através do corte da planta em estágio ideal de desenvolvimento objetiva-se proporcionar aos *Lactobacillus* (bactérias responsáveis pela produção de ácidos láctico) um meio adequado ao seu desenvolvimento, com o fornecimento de suficiente quantidade de carboidratos prontamente fermentáveis. Conquanto as forrageiras contêm maior teor de proteínas quando novas, a baixa concentração de carboidratos reduziria a manifestação da fermentação desejada, caso elas fossem cortadas prematuramente, há, ainda, considerável drenagem de água, a qual arrasta apreciável porção de nutrientes das plantas. De modo geral, as silagens preparadas com plantas tenras (muito jovens) mostram-se ácidas e de má qualidade.

Já o corte das forrageiras em adiantado estágio de maturação dificulta a compactação da massa, possibilitando a entrada do ar, o que é extremamente prejudicial.

A picagem (trituração) do material tem como finalidade mais importante facilitar a compactação e, assim, diminuir a quantidade de ar presente no interior da massa, fato apontado como um dos principais responsáveis por transformações indesejáveis. Segundo se afirma, a secagem parcial acelera o desenvolvimento da fermentação pelo despreendimento dos microrganismos, que não necessitam esperar a morte das células para se utilizarem de seus constituintes

Para diminuir o espaço de tempo que o material permanece em contato com o ar, o carregamento do silo deve se processar o mais rapidamente possível e nunca ser interrompido por mais de três dias consecutivos; esta operação merece especial atenção, no sentido de evitar, ao máximo, a permanência de ar no interior de massa ensilada e, como isso, inibir o desenvolvimento de microrganismos prejudiciais.

A compactação e o isolamento são igualmente práticas importantes, que objetivam reduzir a quantidade de ar e evitar a sua penetração na massa ensilada. O álcool e o gás carbônico, que se formam durante o processo, são dois elementos de destacada importância na conservação da silagem, haja vista que agindo como antissépticos impedem o desenvolvimento de fungos, bactérias e leveduras, que provocariam a decomposição da matéria orgânica. A acidez que se estabelece no transcorrer do processo é outro fator que contribui

para melhor conservação da ensilagem.

PERDAS E ADITIVOS DA SILAGEM

Uma silagem de boa qualidade apresenta colaboração clara e cheiro e gosto adocicados e agradáveis. Quando ocorrem falhas no processo plantas com excessiva umidade (o que até motiva elevação de temperatura e formação de ácido butírico), compactação deficiente (o que favorece mais acentuada atividade respiratória), etc. — o material apresenta colaboração escura e odores de ranço, de amoníaco ou de matéria em decomposição.

É certo que se observam certas perdas durante o processo da ensilagem. Algumas perdas decorrem das transformações que acontecem na massa ensilada, motivadas pelas atividades celulares e microbianas. Tais perdas são tidas como normais em silagens bem feitas não excedem 5% a 8%. Em geral, o maior volume de perdas é resultante de deficiências observadas quando da própria ensilagem, chegando, inclusive, a comprometer a qualidade de todo o material.

Além dos cuidados referentes ao silo, seleção e época de corte das forrageiras, carregamento, compactação, isolamento, etc, existem diversos artifícios de que se pode lançar mão no sentido de reduzir as perdas, promover melhor conservação do produto e aumentar o seu valor nutritivo.

Um destes artifícios diz respeito à secagem parcial das plantas a ensilar. Tal medida tem a finalidade de elevar o teor de carboidratos e, com isso, incentivar a atividade dos microrganismos, além de promover melhoria do meio pela diminuição da atividade respiratória, dado os tecidos vegetais estarem parcialmente mortos. Após o corte deixa-se a forragem exposta ao sol por algumas horas; para gramíneas a unidade deve estar em torno de 75% e para leguminosa 50% e 70% lembrar que havendo muita umidade ocorre a formação de ácido butírico; e em contrapartida, um material excessivamente seco dificulta a compactação.

A adição de substâncias ricas em carboidratos favorece uma rápida formação de ácido láctico, estimulando as atividades dos microrganismos, com o que se torna viável a utilização de forragens jovens ou que encerram reduzido teor de carboidratos, mas que são ricos em proteínas.

A adição de melão, produto rico em açúcares e possuidor de bom valor nutritivo como alimento energético, melhora a palatabilidade da silagem. Líquido viscoso, o melão deve ser diluído em água para ser de mais fácil aplicação. Recomenda-se pulverizá-lo constantemente sobre a massa, à medida que ela vai sendo colocada no solo; a quantidade de melão é de mais ou menos 10 a 20 kg por tonelada de silagens.

O outro produto que pode ser utilizado, com incentivo a elaboração de ácido láctico, é a cana de açúcar picada. Planta rica em açúcar, aumenta o conteúdo energético da silagem, entretanto na proporção de 20% aproximadamente.

PRESIDENTE DO CONSELHO DA FAO VISITA A SNA

O diplomata colombiano Gonzalo Bula Hoyos, Presidente do Conselho da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), visitou a sede da SNA na companhia do Sr. Raymond Lloyd, Chefe de Projetos Especiais (Plano Numismático) da Organização, da Srta. Patrícia Chain, Assessora de Informação junto ao Centro Panamericano de Febre Aftosa e do jornalista Cláudio R.P. Fornari, Assessor Regional de Informação.

Durante a visita, o dirigente da FAO percorreu as dependências da biblioteca, colhendo a melhor impressão sobre o excelente estado do acervo de livros, folhetos e periódicos recentemente doados pela entidade que preside à SNA.

Plano Numismático

Aproveitou, ainda, para entregar ao Gerente do Meio Circulante do Banco Central do Brasil, Sr. Celso Lima e Silva, e ao Diretor do Museu de Valores do mesmo estabelecimento, Sr. F.Santos Trigueiros, coleções de moedas cunhadas pelos governos de 74 nações-membros da FAO, dentro do plano numismático internacional patrocinado pela sua Organização, ao qual o Brasil acaba de aderir. Por seu turno, o Presidente Luiz Simões Lopes ofereceu ao Museu de Valores um mostruário contendo exemplares de medalhas comemorativas editadas pela SNA, distinguindo os visitantes com a medalha do cinquentenário da Sociedade.

Presenças

Além dos Diretores e dos membros do Conselho Superior da SNA, estiveram presentes ao encontro o Presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária e do Conselho Regional de Medicina Veterinária, Sr. Absalão Caramuru Barcellos; o Presidente da Associação Guanabarina de Apicultura, Sr. Elcio Xavier; o Presidente da Sociedade Brasileira de Agronomia, Eng.^o Agr.^o Simplício Jorge Hage e representantes de outras entidades profissionais.



O Presidente Luiz Simões Lopes exibe o exemplar da medalha comemorativa do cinquentenário da SNA ofertada ao Presidente do Conselho da FAO, diplomata Gonzalo Bula Hoyos (o primeiro à esquerda), que tem a seu lado o Gerente do Meio Circulante do Banco Central do Brasil, Sr. Celso Lima e Silva, também agraciado. Na extremidade, a direita, o Vice-Presidente Carlos Helvídio Americo dos Reis.



Uma coleção de medalhas (em primeiro plano) comemorativas editadas pela SNA, sobre eventos diversos, foi ofertada ao Museu de Valores do Banco Central do Brasil.



A Chefe da Biblioteca da SNA, Srta. Sylvia Maria da Franca, forneceu ao Presidente do Conselho da FAO detalhes sobre o movimento de consultas ao acervo (livros, periódicos e folhetos) doado pela Organização.

"Beefalo" - uma revolução na indústria da carne

Por Sam W. Morris



A experiência lhe custou mais de um milhão de dólares e doze anos desencorajadores, para realizar o que os especialistas da indústria da pecuária nos Estados Unidos consideravam geneticamente impossível.

O fato é que D.C. Basolo, um veterano pecuarista de Tracy, na Califórnia, finalmente obteve êxito, graças a sua fé, sua persistência e sua força de vontade em perseguir um objetivo, mesmo que lhe tenha custado uma fortuna e a dedicação de mais de uma década.

O que D.C. Basolo conseguiu foi um cruzamento entre o bisão norte-americano (geralmente conhecido como búfalo) e o boi, o que ele chamou de "beefalo", animal que segundo ele próprio diz está destinado a revolucionar a indústria da carne nos Estados Unidos e em muitos outros países.

A proeza do Sr. Basolo é considerada um fenômeno, porque o "beefalo", visto como um meio de resolver a escassez mundial de proteína mundial, reduz pela metade o custo da carne no varejo, e fornece aos consumidores uma carne mais macia e saborosa do que a consumida atualmente.

Entre muitas outras vantagens, a carne de "beefalo" encerra de 18 a 20 por cento de proteínas, em comparação com os 10 por cento da carne de boi. Além disso, ela contém cinco por cento de gordura, enquanto a carne comum tem 30 por cento.

Outras vantagens do "beefalo" é ser extremamente fértil, com um índice de concepção excepcionalmente elevado. As perdas com o parto são muito baixas, e o "beefalo" é resistente a muitas doenças do gado.

Mas talvez o mais importante seja o fato de que o "beefalo" possa ganhar peso rapidamente, e não ser necessário alimentar-se de cereais de alto custo.

Alimentando-se de pastagens, o "beefalo" pode ganhar uma média de 1,5 a 1,8 kg por dia, ao invés de 900 a 1.300 gramas diárias obtidas pelo gado comum.

"Alguns animais têm ganho, acredite-se ou não", diz o Sr. Basolo, "até 2 quilos e 200 gramas por dia, chegan-

do a 450 quilos em 10 a 12 meses, ao invés dos costumeiros 16 a 24 meses".

"Em Minnesota, um "beefalo" estabeleceu um recorde — pesando 194 quilos em apenas dois meses. Esperamos que esse animal atinja 450 quilos em seis meses e meio", comenta o Sr. Basolo.

Durante os anos em que o pecuarista lutou e sonhou para produzir um "beefalo", seus colegas, as agências governamentais e os especialistas em gado não lhe deram qualquer estímulo ou ajuda. Apesar disso, ele persistiu e agora a indústria da carne nos Estados Unidos mostra-se entusiasmada com seu êxito.

Há um ano, Basolo começou a vender esperma de seus "beefalos" para inseminação artificial em vacas comuns. As vendas de esperma subiram incrivelmente, informou ele, vindo pedidos de todas as partes do mundo.

O Sr. Basolo recorda-se ter ficado interessado na carne de búfalo quando descobriu que ela era muito macia, magra e suculenta. Decidiu entrar no negócio dos búfalos por três razões: (1) a carne de búfalo tem menos gordura; (2) os consumidores a apreciam porque é mais magra, rica em aroma e de elevado conteúdo protéico; e (3) o búfalo não exige alimentação dispendiosa.

O Sr. Basolo, que possui ranchos em Wyoming e Califórnia, tem o maior rebanho particular de bisão americano do mundo — 2.600 cabeças.

Segundo o Sr. Basolo, aproximadamente 500.000 vacas, artificialmente inseminadas com esperma, darão nascimento a "beefalos" nos próximos seis meses nos Estados Unidos. Quantidades de esperma têm sido vendidas para países tão longínquos como o Paquistão, disse ele.

Muitos criadores e mesmo funcionários de governos de países estrangeiros têm visitado o rancho do Sr. Basolo na Califórnia e examinando o "beefalo". As reações têm sido invariavelmente de entusiasmo.

O veterano pecuarista está confiante em que algum dia os "beefalos" serão animais comuns não apenas nos Estados Unidos e no Canadá, mas também na África, América Central e do Sul e em muitas partes da Ásia.

Novas estações para defesa vegetal

O Ministério da Agricultura deverá concluir ainda este ano os trabalhos de ampliação da Estação Fitossanitária Regional (Leste) de São Bento, Rio de Janeiro, e iniciar a construção de unidade semelhante no Recife, para atender o Nordeste. De acordo com informação da Divisão de Defesa Sanitária Vegetal (DDSV), é prevista a instalação, ainda sem prazo definido, de mais três dessas estações: em Belém, Brasília e Curitiba.

Cada uma dessas unidades ocupará área de aproximadamente 1.500 m², com 4 ou 5 pavilhões, sendo o custo das instalações de Cr\$ 750.000,00 e os equipamentos Cr\$ 1.050.000,00. A Estação Fitossanitária Regional do Distrito Federal atenderá à região Centro-Oeste e será um centro normativo para as atividades das demais unidades. Aí deverá ser localizado também o Laboratório de Patologia Vegetal (LACEV), ainda em funcionamento no Rio de Janeiro.

Objetivos — Fundamentalmente, as estações objetivam identificar as

doenças e pragas dos vegetais, inclusive para fins de controle dos levantamentos fitossanitários que têm que ser realizados em todos os Estados. Sem isto se tornará muito difícil um trabalho correto de orientação aos agricultores com respeito às ocorrências a que estão sujeitas as culturas.

Outras funções: promover provas de métodos de profilaxia e combate de doenças e pragas das lavouras, para aferir a ação profilática e terapêutica dos produtos fitossanitários; orientar a herborização e montagem do material destinado à identificação prática dos agentes causadores de doenças e pragas dos vegetais; realizar o exame físico — químico dos produtos fitossanitários para fins de fiscalização; estabelecer técnicas e padrões para dosagem de resíduos nos alimentos; avaliar métodos de aferição de eficiência de máquinas de defesa agrícola, de produtos e de sua toxidez; fazer quarentena de vegetais e partes de vegetais; e multiplicar insetos, fungos e outros organismos benéficos a

serem utilizados no controle biológico de inimigos dos vegetais.

Instalações — As estações contarão com laboratórios de Fitopatologia e Bacteriologia — com dependências indispensáveis aos técnicos e auxiliares e às coleções e à manipulação do material — de Entomologia e Acarologia, de Virologia e de Nematologia.

Haverá ainda instalações para estudo de plantas invasoras e aplicação de herbicidas, para quarentena de plantas (casa de vegetação), laboratório de química para análises de produtos e resíduos e campo para testes de eficiência dos equipamentos de aplicação de defensivos e para verificação da eficiência dos produtos.

Ao lado de cada estação funcionará um laboratório para análise de defensivos e resíduos para que se possa exercer a fiscalização indispensável ao comércio desses produtos com referência à composição e dosagem do princípio ativo.

Ministro da Agricultura visita Stand da Caterpillar Brasil S.A.

Durante a abertura da FIA-FETAG, Feira Internacional da Indústria de Alimentação — Feira Internacional da Técnica Agrícola, o ministro Alysson Paulinelli, da Agricultura, visitou o stand da Caterpillar Brasil S.A. ocasião em que recebeu das mãos do Sr. Mack Verhyden, Diretor Gerente daquela indústria, uma miniatura de um dos tratores brasileiros mais utilizados na agricultura.

A FIA-FETAG, que conta com o apoio oficial do Ministério da Agricultura e da FAO, organismo da ONU, mostrou os produtos das mais importantes empresas brasileiras ligadas às atividades agropecuárias e, também, de grupos expositores da Polônia, Estados Unidos, Israel, Itália, França, Bélgica, Inglaterra e Argentina.



RECEBA O TÉCNICO



DIGA O QUE TEM-
VOCÊ PODE
PRODUZIR
MELHOR

CENSO
AGROPECUÁRIO
DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO

PROGRAMA NACIONAL DE SAÚDE ANIMAL

O Censo com bom senso

Uma filosofia a serviço do Produtor Rural

O mapeamento dos estabelecimentos pecuários de uma Região, assim como o registro de suas características, deve ser feito com muito critério e bom senso. É um elemento básico de apoio a um Programa Nacional de Saúde Animal, já que serve para realizar a melhor distribuição dos serviços (recursos humanos, técnicos e financeiros), elaborar programas de vacinação, melhorar a informação de vigilância sobre as epidemias, fazer estudos sobre as mesmas, etc.

Considerando este processo básico para a implantação de um projeto de Saúde Animal, achamos conveniente descrever o que vamos fazer para atingir o nosso objetivo, de melhor servir ao Produtor Rural.

CENSO AGROPECUÁRIO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

PROPÓSITOS

- 1 - (Na Região Norte do Estado do Rio de Janeiro - área 1 - inicia-se a ação, com o que denominamos fase do censo. A meta principal é obter as características da população bovina para planificar, executar e avaliar com a maior objetividade possível.
- 2 - Definir na Área I, o que é uma propriedade rural economicamente viável.

OBJETIVOS

- 1 - Conhecer a população susceptível à Febre Aftosa (bovinos, suínos, ovinos e caprinos) do Norte do Estado (Área I), caracterizando-a segundo sua distribuição geográfica, número de rebanhos, número de bovinos e distribuição etária (por idade), número de proprietários, finalidades, regime de exploração, fases de criação, influências qualificadas entre Municípios e outros Estados por movimentos de gado, e outras características adicionais de

PRODUTOR RURAL: RECEBA O TÉCNICO

Sua propriedade rural é muito importante para você e para a economia do Estado. Começamos a colocar em prática o que chamamos de PROGRAMA NACIONAL DE SAÚDE ANIMAL e também vamos lhe ajudar na sua lavoura.

É um esforço conjunto do Ministério da Agricultura e da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro.

Você vai receber a visita de um técnico que se identificará antes de começar o seu trabalho.

Precisamos saber tudo o que a sua propriedade possui, para que possamos lhe oferecer muito mais. Ele vai lhe fazer perguntas sobre sua criação, sua lavoura e tudo o que você tem na sua propriedade.

Colabore. Responda às perguntas do Técnico que tem que preencher um questionário e para isso precisa de sua boa vontade.

Levantar esses dados é muito importante para que o Governo possa lhe oferecer muito mais, desde bons planos de vacinação do seu gado (Aftosa, Raiva Bovina, Brucelose e outras doenças), até uma boa orientação para a sua plantação.

Sabendo o que você tem, também podemos lhe oferecer financiamento para uma série de atividades e uma assistência técnica mais permanente. Nossa intenção é fazer a sua propriedade produzir melhor.

RECEBA O TÉCNICO

Diga o que tem - Você pode produzir melhor.

Censo Agropecuário do Estado do Rio de Janeiro

- 2 - Determinar as prioridades de problemas de saúde animal, principalmente em bovinos;

- 3 - Caracterizar a Febre Aftosa, no tempo (verificar estacionalidade) e no espaço, em função das probabilidades de que um rebanho contraia a Febre Aftosa e de que um animal adoecia.

Associar a Raiva Bovina com rebanhos, segundo suas características, assim como em função das características do conjunto

de rebanhos que formem uma Unidade Geográfica.

- 4 - Caracterizar a Raiva em função da probabilidade de um rebanho ser mordido por morcego, ter raiva bovina e de um animal morrer de doença.

Associar a Raiva Bovina com rebanhos, segundo suas características, assim como em função das características do conjunto de rebanhos que formem uma Unidade Geográfica.

- 5 - Caracterizar os abortos bovinos no espaço, em função da probabilidade de um rebanho ter abortos e de um animal abortar.

Associar os abortos bovinos com as características dos rebanhos.

- 6 - Conhecer as culturas e respectivos volumes de produção, caracterizando-as segundo sua distribuição geográfica e tamanho das propriedades.
- 7 - Caracterizar o nível técnico das propriedades agrícolas (rurais) e associará sua produção.
- 8 - Levantar os veículos de comunicação que atinjam melhor aos produtores rurais.

O MÉTODO DE TRABALHO

Para realizar o trabalho do Censo com bom senso, dividiu-se a Área I em 35 setores de trabalho, de tal forma que cada setor tenha aproximadamente 1.000 propriedades agropecuárias. Esses setores estarão sob responsabilidade de um supervisor (Médico-Veterinário ou Engenheiro Agrônomo) o qual por sua vez, será responsável pelas atividades a serem realizadas pelos entrevistadores.

Para que tudo isso aconteça bem é preciso que o produtor rural colabore efetivamente. Por isso estamos lançando o apelo: **RECEBA O TÉCNICO. Diga o que tem - Você pode produzir melhor.**

estas cinco fábricas pertencem a 17.000 sócios



Usina Central (Rio de Janeiro-GB)



Fábrica Eduardo Duvivier-FAED (São Gonçalo-RJ)



Fábrica Pires de Melo-FAPIM (Caratinga-MG).



Fáb. José Araújo-FAJA (J. de Fora-MG)



Fábrica Veiga Soares-FAVES (Viana-ES)

E são sócios que produzem.

Eles estão localizados numa extensa área de 250 mil quilômetros quadrados, nos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Guanabara.

Todos os dias, retiram mais de 2 milhões de litros de leite, que, depois de transportados a 39 cooperativas regionais, chegarão resfriados a essas cinco grandes fábricas, que formam o maior complexo leiteiro do Brasil: Usina Central (Rio de Janeiro-GB), Fábrica Eduardo Duvivier-FAED (São Gonçalo-RJ), Fábrica José Araújo-FAJA

(Juiz de Fora-MG), Fábrica Veiga Soares-FAVES (Viana-ES) e Fábrica Pires de Melo-FAPIM (Caratinga-MG).
Nessas fábricas, o leite passa por equipamentos modernos, utilizados nos mais avançados centros produtores de todo o mundo, e são transformados em deliciosos queijos, leite "in natura" para o consumo, leite asséptico, iogurtes, manteiga, doce de leite, creme, leite em pó, etc., formando, ao todo, 43 delícias, que levam em seus rótulos a marca famosa e preferida pelos consumidores:



CCPL



COOPERATIVA CENTRAL DOS PRODUTORES DE LEITE LTDA.

Notícias & Informações do Brasil



Açúcar, soja e carne são os motivos das novas moedas divisionárias do Brasil



Conforme **A LAVOURA** noticiou, em primeira mão, na edição de março/abril deste ano, foram lançadas em São Paulo, no dia 4 de julho, no recinto da V FETAG, as novas moedas divisionárias brasileiras de 1, 2 e 5 centavos.

A solenidade foi presidida pelo economista Paulo H. Pereira Lira, presidente do Banco Central, e pelo engenheiro-agrônomo G. Insrán Guerreros, representante da FAO no Brasil.

Com o lançamento destas novas moedas, o Brasil ingressou no Plano Numismático "Alimentos para todos", da FAO, promoção internacional de que já participam 74 nações, e que se destina, a um tempo, utilizar a moeda como meio de conscientização popular para o problema do abastecimento mundial de alimentos e aproveitar os recursos arrecadados com sua distribuição no mercado numismático internacional para financiar projetos agropecuários em países em desenvolvimento.

As novas moedas divisionárias foram colocadas — logo após seu lançamento formal — a disposição do público presente à V FETAG, em regime de troca, no "stand" da FAO/BCB, em 30 mil saquinhos de um cruzeiro de valor.

Estocagem para entressafra

A formação de estoques estratégicos de produtos primários já é uma decisão do Governo. O Ministro da Fazenda, inclusive, a necessidade de um Plano Nacional de Estocagem para os produtos alimentícios, a fim de que se possa enfrentar as entressafas futuras com alguma tranquilidade.

No Brasil, depois de lançado, no ano passado, e com êxito, o Plano Nacional de Estocagem da Carne, o próximo passo será no sentido de uma concentração na área dos produtos agrícolas. Destacam-se aí a soja e o milho, sendo que, no caso do segundo, pode-se facilmente dobrar a produção de 15 milhões para 30 milhões de toneladas anuais. Com isso, passaríamos a dispor, de modo imediato, de um considerável excedente exportável, com amplas possibilidades de negociações em Bolsas de Mercadorias no Exterior.

Simultaneamente, a orientação do Ministério da Fazenda, e no sentido de maior estímulo às Bolsas de Mercadorias existentes no País. Será através delas, isto é, da iniciativa privada, que poderão ser dados os grandes passos para a eliminação da entressafra no País.

Pesquisas no Vale do São Francisco

A Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) vão executar programa no valor de Cr\$ 50 milhões em pesquisas de agricultura irrigada na região, conforme entendimentos mantidos entre os dois órgãos e a SUDENE. Segundo os técnicos da EMBRAPA, as obras de engenharia hidráulica já implantadas e em fase de implantação na região abrem amplas possibilidades de duas colheitas anuais em vez de apenas uma como ocorre, atualmente.

Dezesseis produtos já foram selecionados pelo programa EMBRAPA/CODEVASF e, dentre eles, o arroz, cana-de-açúcar, algodão, soja e milho são considerados altamente prioritários por contarem com um amplo mercado consumidor interno e reais possibilidades de exportação. As pesquisas a serem coordenadas pela EMBRAPA abrangem melhoramento das plantas, manejo de água, fertilidade e nutrição, fitossanidade, tratamentos culturais e estudos econômicos de mercado. O Centro Nacional de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido, pertencente à EMBRAPA e em implantação em Petrolina será o principal responsável pela execução das pesquisas. Outro aspecto a ser desenvolvido pelo programa conjunto é a introdução de novas variedades de sementes na região.

Produção de madeira teve queda em 1974

A produção brasileira de madeira atingiu em 1974 o volume de 9,3 milhões de metros cúbicos, enquanto a exportação — de 937 mil m³ — gerou divisas da ordem de 178 milhões de dólares, dos quais 97 milhões provenientes da comercialização de 417 mil m³ de pinho. Os dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) indicam que houve uma queda de produção de mais de um milhão de m³, provocada pelo gradativo processo de exaustão que vem ocorrendo nas reservas de pinheiros na região Sul. Por outro lado, em consequência da crise do petróleo, as exportações de madeiras também caíram, já que em 1973 as divisas geradas pelo setor foram da ordem de US\$ 180 milhões, com o pinho colaborando com US\$ 101 milhões.

Segundo o IBDF, apesar de existirem cerca de 500 espécies com possibilidade de serem comercializadas, somente participam do fluxo de exportação, com alguma expressão, 10 essências da Amazônia. Isto ocorre em razão do desconhecimento das características das madeiras tropicais, especialmente quanto à cor, à resistência e à sua utilização industrial.

SERGIPE

Produção de fertilizantes

A PETROBRÁS deverá construir no Estado de Sergipe uma Unidade para a produção de amônia e uréia, usando como matéria-prima o gás natural produzido nos campos de petróleo sergipanos.

A nova Unidade a ser construída — parte do plano do Governo Federal para aumento da produção nacional de fertilizantes — terá basicamente as mesmas características da fábrica existente em Camaçari, Bahia, e que, no momento, encontra-se em fase de ampliação.

O aproveitamento do gás natural permitirá uma grande economia de divisas, através da cessação das importações de fertilizantes nitrogenados. A produção da nova fábrica será destinada ao nordeste, onde os fertilizantes têm aplicação prioritária, como é o caso do cultivo da cana-de-açúcar.

A grande valorização do açúcar no mercado internacional e a crescente utilização do álcool, na mistura com a gasolina, refletem a importância desse complexo industrial para a economia nordestina.

A PETROFÉRTIL, subsidiária da PETROQUISA, iniciou em 1971, em Cama-

çari, Bahia, a produção de 200 toneladas diárias de amônia e 250 toneladas diárias de uréia, com vistas ao aproveitamento do gás natural dos campos de petróleo do Recôncavo Baiano, além do suprimento das necessidades de produtos nitrogenados no país, cada vez mais carentes.

Tendo em vista o crescente consumo dos fertilizantes nitrogenados, a PETROFÉRTIL partiu para a ampliação de suas unidades, sendo que em 1977 ela estará produzindo 1.100 toneladas diárias de amônia e 1.050 toneladas diárias de uréia.

A uréia existe na natureza como produto do metabolismo dos animais, inclusive do homem. Foi o primeiro produto orgânico obtido quimicamente a partir de um composto inorgânico (1828-Wholer). Mais tarde, foi obtido em escala industrial por processos especiais, dos quais o mais usado atualmente consiste na reação direta da amônia sobre o gás carbônico.

A uréia é utilizada na agricultura como fertilizante nitrogenado. Na pecuária, como complemento alimentar para o gado e, na indústria, como matéria-prima para as indústrias químicas.

Produção de tratores em maio de 1975

EMPRESAS	Cultivadores Motorizados	Micro-Tratores	TRATORES DE 4 RODAS				Total Geral do Mês	Acumulada 1975	Acumulada 1960/1975 (1)
			Leves	Médios	Pesados	Total			
Agrale	—	225	63	—	—	63	288	953	8.934
Brasília	—	—	—	5	—	5	5	47	147
C. B. T.	—	—	—	—	1.002	1.002	1.002	4.420	41.027
Ford	300	—	—	—	—	—	—	—	12.443
Kubota-Tekko	—	—	—	—	25	25	25	1.390	25.641
Malves	—	—	—	588	1.620	2.208	2.208	11.230	11.190
Massey-Ferguson	—	—	—	—	—	—	—	—	8.850
Otto Deutz	—	—	—	107	1.032	1.139	1.139	5.265	59.334
Valmet	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Total do Mês	300	225	63	700	3.679	4.442	4.967	—	—
Acumulada 1975	1.390	885	68	3.448	17.650	21.166	—	23.441	—
Acumulada 1960/75	32.733	8.692	7.844	85.881	147.404	241.129	—	—	282.554

OBS.: (1) Inclusive 10.449 unidades produzidas por ISEKI-MITSUI, 1965/72 = 6.275 unidades de TRATORES FENDT, 1961/69 = 3.531 unidades.

PRODUÇÃO DE TRATORES DE ESTEIRAS — MAIO/1975

EMPRESAS	Total Geral do Mês	Acumulada 1975	Acumulada 1960/1975 (1)
Brasília	269	1.178	8.426
Caterpillar			
Fiat-Allis			
Malves			
Massey-Ferguson			

(1) Inclusive a produção da FNV, 1966/69 = 283 unidades.



RIO DE JANEIRO

Combate à febre aftosa no Estado do Rio

Coube ao Secretário José Resende Peres presidir os trabalhos de instalação do Plano Nacional de Combate à Febre Aftosa no Estado do Rio de Janeiro. Programado pelo Ministério da Agricultura para todo o Brasil, o referido plano será executado no Estado por técnicos da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, sob a supervisão do veterinário José Diocleciano Peixoto, do MA. Na foto, o Secretário Resende Peres, tendo à sua direita o Diretor da DEMA/RJ, Eng.^o Agr.^o Rubem Fontes de Marsillac, e o representante da Coordenação Nacional da Febre Aftosa, veterinário Ivaír Marques, e à esquerda, o deputado Rubens Ferraz, o veterinário Acácio Miguel Szechy (sua última foto) e o representante da ACAR/RJ, por ocasião do lançamento do programa em Itaperuna, dia 1.^o de agosto.

PERNAMBUCO

Primeira safra de uva "Itália".

Um agricultor paraense está colhendo a primeira safra de uvas do tipo "Itália" em Petrolina, Pernambuco, nos 12 hectares que plantou. Inicialmente a produção será destinada ao mercado local mas Mamoru Yamamoto tem esperança de ainda exportar uva para a Europa.

Em Brasília, onde veio ter audiência com o Ministro da Agricultura, ele revelou que a colheita de uva em sua propriedade será feita durante todo o ano, devido às condições climáticas de Petrolina: verão constante e baixa precipitação pluviométrica. Espera, no próximo ano, já colher 150 toneladas da fruta.

Açúcar lidera exportações

No primeiro trimestre deste ano, as exportações brasileiras somaram US\$ 2.014.281 mil, apresentando um crescimento de 40,88 por cento, em relação ao mesmo período de 74. Esse total representou 21.639.288 t. de produtos vendidos ao exterior, enquanto nos três primeiros meses do ano passado a quantidade foi de 14.893.877 t. De acordo com os dados divulgados pela Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex), os produtos básicos contribuíram com US\$ 1.128.147 mil do total da receita das exportações, com destaque para o açúcar demerara, que continua liderando a pauta, atingindo no trimestre US\$ 345.025 mil, seguido do café cru em grão com US\$ 202.926 mil. Em terceiro lugar está o minério de ferro, que teve uma receita de US\$ 192.177 mil. Embora tenha acusado elevação na receita, o açúcar teve diminuída a sua venda em 161.859 t. Quanto às vendas dos produtos manufaturados, houve um acréscimo de 28,55 por cento. O material de transporte foi o item que liderou esses produtos com uma receita de US\$ 59.675 mil, seguido de máquinas, caldeiras, aparelhos e instrumentos mecânicos, com US\$ 51.915 mil, calçados, açúcar refinado e máquinas e aparelhos elétricos.

BAHIA

16 Agrovilas vão ser construídas

Começa em outubro o processo de transferência de 3 mil famílias de Sobradinho para a região de Bom Jesus da Lapa, Bahia, onde o INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária) construirá um conjunto de 16 agrovilas.

Esta semana dirigentes do órgão participaram do ato de abertura de propostas de onze firmas que pretendem a construção da obra: Master Engenharia, Pecal, Irlasa, Beter, Omega, Britânia, Marpet, Loyo, Comeba, Estrela e Companhia Nacional de Engenharia. Dessas, cinco são do Ceará, três de Pernambuco, uma de São Paulo, uma da Bahia e outra do Distrito Federal.

Uma área de cerca de 257.500 hectares já foi desapropriada para construção das 16 agrovilas que terão 300 unidades residenciais cada uma, além de um armazém e uma escola. O projeto prevê a transferência de uma média de 300 famílias por mês.

A soja brasileira no mercado mundial

No ano passado, o agricultor brasileiro de soja viu-se esmagado entre duas poderosas forças econômicas: as trading-companies japonesas e os importadores norte-americanos. A safra nacional foi adquirida no Rio Grande do Sul e no Paraná a Cr\$ 50 a saca e exportada pelas tradings a quase Cr\$ 500. E quem adquiriu essa safra, nos Estados Unidos?

Os norte-americanos detêm setenta por cento da produção mundial de soja e controlam a quase totalidade da comercialização. As vinte maiores empresas americanas que participam da indústria de soja controlam noventa por cento do mercado de óleo (US\$ 600 milhões) e noventa e dois por cento do mercado de farelos (US\$ 1,2 bilhão); as quatro maiores dominam cinquenta e seis por cento do mercado (Cargill, Continental Grain, Bunge, Archer-Daniels-Midland). Essencialmente, a luta do governo brasileiro para manter os preços internacionais da soja será contra essas quatro empresas (sem contar com a ameaça do governo ianque).

Passando de uma produção de apenas 750 mil toneladas em 1968, o Brasil chegou a 1974 com a brilhante safra de sete milhões de toneladas, mais que decuplicando nas projeções para este ano. A atual safra de soja começará a ser colhida brevemente, e este fato está preocupando os Estados Unidos, embora sua produção seja estimada em quarenta milhões de toneladas — 3,2 milhões de toneladas em 1974.

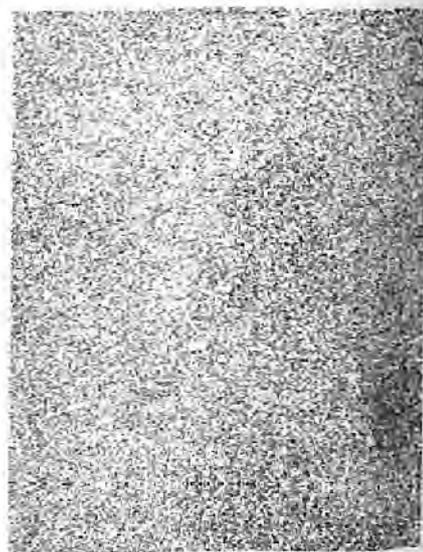
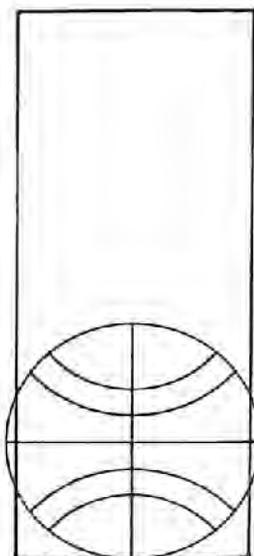
ASTENIA SEXUAL

Vigoruff revolucionou a Medicina, demonstrando a possibilidade da restauração das energias perdidas e de vigor sexual. Chamamos a atenção da classe médica para a fórmula de TONOKLEN (incomprimidos) destinada à restauração das funções orgânicas.

**NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS
OU PELO REEMBOLSO — CAIXA
POSTAL 24.039 — TIJUCA-RIO**

**Tosse?
XAROPÊ
MUSSAMBÊ
eficaz e seguro**

Notícias & Informações Internacionais



INGLATERRA:

Película de políteno substitui o solo em nova técnica agrícola

Os agricultores estão demonstrando grande interesse por um revolucionário sistema de produzir uma grande variedade de plantações comerciais sem solo ou material para enraizamento. A Nutrient-Film Technique (Técnica de Película Nutritiva), como é chamada, foi criada pelo Dr. Allen Cooper, no Instituto de Pesquisas de Culturas de Estufa, de Littlehampton, Sussex, sul da Inglaterra, mas o método é igualmente indicado para lavouras hortícolas plantadas ao ar livre ou em túneis de políteno.

Não é propriamente uma novidade esse sistema de criar plantas sem solo. Já vêm sendo advogados e praticados por muitos anos sistemas hidrófilos, mas eles consistem basicamente em criar plantas em canteiros porosos e úmidos de material inerte: turfa, composto de folhas, palha e até serragem.

Ancoradas nesse canteiro, as plantas crescem normalmente e deitam raízes que vão atingir a água devidamente tratada para fortalecê-las.

POLITENO PRETO

Com a Técnica de Película Nutritiva o gasto de capital fica reduzido a pedaços de políteno preto e a uma pequena bomba d'água. Não há limite de área sobre a qual as plantas podem ser cultivadas. O método é simples e as vantagens muitas e imediatas.

O método consiste em nada mais do que a criação de uma área bem compactada sobre uma leve inclinação — uma queda de 1 em 100 é ideal — com uma barreira de 1 em 100 em cada extremidade. Ao ar livre ou em estufa, essa área é então coberta com material de políteno preto de peso médio, inclusive as barreiras, a menos que se preferam tanques de metal ou de plástico.

A barreira de cima é encheida com água especialmente preparada e com solução nutritiva, permitindo-se que transborde e recorra lentamente pela inclinação até uma distância de um milímetro. Essa água

é coletada na barreira de baixo e bombeada de volta para a de cima, com a ajuda da bomba, para recirculação.

As plantas são colocadas a distâncias apropriadas umas das outras e assim, segundo ficou constatado, crescem mais rápido, têm qualidade mais uniforme e se desenvolvem melhor do que em condições de cultivo convencionais.

MELHOR QUALIDADE

Não se pode explicar totalmente por que a qualidade melhora tanto, mas isso é devido provavelmente à precisão com que as plantas são alimentadas. O fato chamou a atenção de diversas cadeias de grandes supermercados, que financiaram testes comerciais para satisfazer à demanda de saladas com melhor sabor.

Sem raiz, como as plantas podem ficar de pé? Com tomates ou pepinos, pode ser construída uma estrutura simples para as plantas serem presas a ela, como no cultivo normal em estufas. Com mudas de corte — como cravos e espécies de árvores, por exemplo — uma rede de arame é colocada pouco acima do fluxo da solução nutritiva e as plantinhas são simplesmente enfiadas através dela a espaços marcados.

ECONOMIA DE FERTILIZANTE

O processo de recirculação resulta em significativa economia de fertilizante. Cada grama de nitrogênio, por exemplo, é absorvido pela planta; nada se perde no solo ou é lavada pela chuva para aumentar a poluição dos rios e lagos.

Um fabricante de produtos químicos está pesquisando atualmente as fórmulas corretas para as verduras, como as de nitrogênio, potássio, fósforo, cálcio e magnésio, assim como os elementos de traço, como enxofre, boro, cobre, ferro, zinco e manganês, para culturas específicas. Além disso, tem de ser estabelecido se todos ou apenas certos pesticidas sistemáticos devem ser acrescentados.

O tempo de plantio é consideravelmente reduzido e as exigências de mão-de-obra não podem ser comparadas com as do cultivo convencional. Há um controle completo dos nutritivos e da água, de acordo com as necessidades específicas de cada espécie, e o custo da pulverização e da fumigação é drasticamente reduzido, ou totalmente eliminado, pela inclusão de inseticidas e fungicidas sistemáticos na solução nutritiva. As ervas daninhas não crescem e os herbicidas não se fazem necessários.

Há diversos outros fatores na Técnica de Película Nutritiva que assumem maior importância em algumas regiões do mundo do que em outras.

A prática normal em culturas como as do tomate é a de se esterilizar o solo contra nematóides e outras doenças do solo. Trata-se de uma operação cara que se torna desnecessária.

Em outros países a salinidade do solo atingiu tais proporções que o plantio se torna impossível ou só pode ser conseguido através de pesada irrigação e alto consumo de água — geralmente em áreas de pouca umidade. Sem necessidade de viveiros, as lavouras crescem nos solos mais salgados.

CRESCIMENTO EFICIENTE

A temperatura das raízes também é vital para o crescimento eficiente das plantas. Nas regiões de clima quente, foi constatado que é melhor "plantar" pela nova técnica antes que comece a fazer muito calor, para que a cultura desenvolva a folhagem suficiente para proteger as raízes tenras contra a inclinação do sol. Alternativamente, uma tenda de políteno muito fino e transparente pode ser erguida sobre a lavoura, como proteção.

O Dr. Cooper resume a Técnica de Película Nutritiva como de potencial ilimitado, particularmente nas regiões do mundo onde a água é escassa ou a salinidade do solo é um problema.

Suco de capim é o mais novo alimento natural

Os que prevêem calamidades parecem não falar em outra coisa senão numa tremenda escassez mundial de alimentos e até mesmo na fome em escala maciça — e, infelizmente, algumas vezes eles têm razão.

Mas nem sempre. Nas várias oportunidades em que as crises agrícolas pareciam iminentes, os cientistas do mundo conseguiram evitá-la com uma maneira nova e engenhosa de aumentar a produção de alimentos.

Por exemplo, no ano passado o fornecimento de farinha de peixe do Peru foi interrompida por um longo período de tempo, mas não demorou a surgir a notícia de que porcos estavam obtendo a sua quota de proteína do capim.

Porcos alimentados com cevada e suco de capim fizeram tanto progresso quanto os que comeram farinha de peixe com cevada. Experiências realizadas na Grã-Bretanha mostraram que a digestibilidade da forragem preparada com polpa de capim, depois de removido o seu suco, era maior que a da silagem feita com capim seco.

Carneiros, novilhos da raça Angus e outros animais ganharam mais peso com forragem de polpa de capim do que aqueles alimentados com capim seco.

SUCO VERDE

Para os fazendeiros, essa é uma notícia alvissareira, embora ainda seja pequeno o número dos que já instalaram equipamento para prensagem de capim em suas fazendas. Mas, afinal, isso é justificável, porque a novidade é muito recente.

Não que o processo seja novo. Há muitos anos que pesquisadores britânicos vinham estudando a questão, só que em contextos diferentes. Mas circunstâncias diferentes fizeram com que, subitamente, a nova técnica despertasse interesse. Companhias de secagem de capim que procuravam uma maneira de economizar combustível caro tentaram "desidratar" o capim e a alfafa, antes de serem lançados no aparelho secador, com vistas a reduzir o consumo de combustível durante o processo de secagem.

O suco obtido era de um verde brilhante e facilmente deteriorável, a menos que coagulado com calor, mas continha o mesmo teor de proteína da farinha de peixe. Usando técnicas criadas pela Estação Experimental Rothamsted, os pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Agropecuárias começaram a trabalhar com um macedador e uma prensa de correia. Ao mesmo tempo, no Instituto Rowett, da Escócia, outros pesquisadores usavam um processo mais simples e mais direto para extrair o suco — uma prensa de rosca.

PRENSAGEM BARATA

A prensa de rosca foi escolhida por consumir pouca energia — 10 h.p., em vez de 50 — e efetuar o trabalho num processo único, sem necessidade de macedador. Mas, além de se conseguir obter um alimento



Extração do suco de folhas no Instituto Nacional de Pesquisas Agropecuárias. FOTO BNS

animal de alto teor protéico e reduzir a umidade do capim antes da secagem, outros benefícios se tornaram evidentes.

Verificou-se que a polpa assim obtida era mais fácil de secar e constituía uma forragem excelente, interessando portanto aos pecuaristas e fabricantes de laticínios, bem como às companhias de secagem de capim. Comprovou-se, mais uma vez, que a digestibilidade da matéria seca da polpa era melhor que a do capim fresco, e que a polpa também podia ser dada como alimento aos animais.

Uma tonelada de capim fresco produz cerca de meia tonelada de polpa e meia tonelada de suco, que contém entre 5% a 11% de matéria seca (em média 8%) e entre 21% e 45% de proteína crua, até 40% de carboidratos solúveis e 16% a 18% de cinzas. A composição do suco e da polpa muda à medida que as estações do ano se alternam. Cortando-se o capim cinco vezes, a produção de matéria seca foi, com 200 unidades de nitrogênio, 8 284 kg/ha., e com 400 unidades de nitrogênio, 9 531 kg/ha.

Vêm sendo realizados estudos para se descobrir uma melhor maneira de conservar a polpa para uso no inverno ou, em zonas tropicais, na estação seca. Obteve-se boa forragem usando embalagens a vácuo ou sacos gigantes de polietileno. Em média, essa silagem continha 40% de matéria seca e 20% de proteína crua. A forragem colocada em silos experimentais de uma tonelada apresentou a baixa perda de matéria seca de apenas 7% a 9%.

50% DE ECONOMIA

Os trabalhos preliminares com um secador de grama comercial mostraram que era possível obter uma economia de combustível por volta de 50% a 55% com a polpa seca, em comparação com o capim fresco.

E, melhor ainda, um novo estudo feito em colaboração com uma Escola de Agricultura do norte da Escócia mostrou que a polpa podia ser secada a um baixo custo (entre 12 a 18 libras por tonelada) com ar frio, ou um uso mínimo de calor. O capital necessário a esse sistema de secagem seria pequeno, e certamente há um potencial para o uso da energia solar em muitas áreas tropicais.

Esse trabalho não se confina exclusivamente ao Reino Unido. O Dr. Arthur S. Jones, chefe do Departamento de Nutrição Aplicada do Instituto de Pesquisas Rowett, informa que várias prensas já foram instaladas em outros países em bases experimentais. Até agora, não tem havido muita exploração comercial dessas descobertas, mas, ao que parece, vem sendo traçados planos ativos nesse sentido.

Uma notícia inserida no "Farmers Guardian" diz que um certo Sr. T.B. Churchward, empreiteiro agrícola do noroeste da Inglaterra, está planejando a construção de duas fábricas, ambas em áreas de pastoreio, cada uma podendo beneficiar cerca de mil acres de capim.

AUMENTO DE PEDIDOS

O gerente de vendas de uma companhia que fabrica prensas de rosca disse que durante muitos anos a companhia só recebia encomendas de seis a oito unidades por ano, mas que de repente, entre o final de 1974 e o começo deste ano, recebera dois pedidos de quatro prensas e mais de vinte cartas de clientes em potencial.

A companhia está aumentando a sua produção para atender a essa inesperada procura de prensas. Uma prensa completa com motor elétrico de 10 hp e chassi, custa 5 350 libras esterlinas no Reino Unido. Tradicionalmente, as prensas de rosca têm sido usadas no mundo inteiro para a extração de óleos essenciais.

As implicações dessas descobertas têm um longo alcance e levarão anos para conseguirmos perceber todas as suas possibilidades. Imaginemos vastas áreas de terras semi-áridas, próprias apenas para o cultivo altamente mecanizado e em amplos espaços, de plantas forraginosas. Durante a curta estação chuvosa, essas terras poderiam produzir silagem ou polpa seca, bem como alimentos para os animais mantidos em áreas cobertas e reservadas. O suco seria dado aos novilhos ou então coagulado, e depois submetido à secagem.

Quais as outras plantas que poderiam ser prensadas para se extrair alimentos de alto valor protéico? Com relação ao comum animal vêm se realizando pesquisas intensas nesse campo.

Inflação, PNB e Comércio Mundial

Taxas de inflação nos grandes do mundo, variações % em relação ao ano anterior:

PAÍSES	1970	1971	1972	1973	1974
CANADÁ	4,8	3,1	4,8	7,6	11,0
EE.UU	5,4	4,5	3,4	5,6	10,2
JAPÃO	6,7	4,5	5,1	12,1	24,0
FRANÇA	5,5	5,4	5,7	7,2	13,5
ALEMANHA	7,1	8,0	6,0	6,0	6,5
REINO UNIDO	7,3	8,9	7,7	7,5	16,1
ITÁLIA	6,6	6,6	5,8	10,5	25,0

TAXA DE CRESCIMENTO DO PNB REAL

PAÍSES	1970	1971	1972	1973	1974
ALEMANHA	5,8	2,7	3,0	5,3	0,4
CANADÁ	2,5	5,6	5,8	6,8	4,5
EUA	- 0,4	3,3	6,2	5,9	- 2,2
FRANÇA	6,0	5,5	5,4	6,1	4,8
GRÃ-BRETANHA	1,8	2,3	2,3	6,0	- 0,5
ITÁLIA	4,9	1,6	3,1	5,9	4,8
JAPÃO	10,3	6,8	8,9	10,5	- 3,3

COMPOSIÇÃO DO COMÉRCIO MUNDIAL

DISCRIMINAÇÃO	1970	1971	1972	1973	1974
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
PRODUTOS PRIMÁRIOS	33,1	32,9	32,8	34,2	44,7
ALIMENTOS	14,6	14,2	14,3	15,1	14,0
MATÉRIAS-PRIMAS	9,3	8,2	8,1	8,6	8,3
COMBUSTÍVEIS E COMBURENTES	9,2	10,5	10,4	10,5	22,4
MANUFATURAS	65,2	64,9	65,3	63,8	53,3
PRODUTOS QUÍMICOS	7,1	7,0	7,0	7,1	-
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	31,0	31,9	32,3	30,8	-
OUTRAS MANUFATURAS	27,1	26,0	26,0	25,9	-
RESÍDUO	1,7	2,2	1,9	2,0	2,0

Tratores brasileiros para a América Latina

A Valmet do Brasil, que detém 60% do total das exportações brasileiras de tratores de rodas, destinados a agricultura, deverá exportar este ano cerca de US\$ 5 milhões, segundo previsão de sua diretoria. Paraguai, Uruguai, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Panamá, República Dominicana, e Grécia são os principais compradores da empresa.

China poderá comprar soja

A China tem interesse em adquirir produtos agrícolas brasileiros — como soja, algodão, açúcar e sisal — segundo revelou em Brasília o embaixador daquele país, Chang Te-Chun, após encontro que manteve com o Ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli.

No caso da soja, as operações poderiam envolver importação de petróleo chinês. O embaixador Chang Te-Chun esclareceu que seu país é um dos principais produtores de soja, mas está interessado no produto brasileiro, que é mais próprio para a extração de óleo comestível.

A empresa latino-americana na próxima década

Com a presença de delegações do Brasil, Canadá, Colômbia, Uruguai e Venezuela, a Seção Argentina do CICYP organizou, em Buenos Aires, o SEMINÁRIO sobre a EMPRESA LATINO-AMERICANA NA PRÓXIMA DÉCADA.

A delegação brasileira foi integrada por Charles Edgard Moritz, da CNC, Cláudio Luiz Haddad, da FGV, Eduardo Garcia Rossi, da FIESP, Guilherme Levy, da CNI, e Pedro Geraldo de Almeida.

Numerosas personalidades do Governo e do Congresso da Argentina, além de grande número de associados da Seção e empresários participaram dos encontros.

AGENDA DO SEMINÁRIO

1) Comentário generalizado sobre o papel da empresa privada no desenvolvimento, pelo ex-presidente da COLÔMBIA, Dr. MISAEL PASTRANO BORRERO.

2) A empresa latino-americana como instrumento da integração econômica e fermenta do crescimento, apresentado pelo Dr. FELIPE HERRERA, ex-presidente do BID.

3) Relações da empresa privada com o Estado, a cargo do Dr. JOSÉ A. MARTINEZ DE HOZ.

4) O problema alimentar mundial e a contribuição da empresa agropecuária e agro-industrial moderna para sua solução, abordado pelo Sr. CELEDONIO V. PEREDA, presidente da Sociedade Rural Argentina.

5) O problema ecológico, exposto pelo Eng. JORGE L. ORIA, do Banco Nacional do México.

6) As responsabilidades sociais da empresa privada, pelo Dr. BERNARDO SUPERVIELLE, presidente da Seção Uruguai e do Banco de Montevideú.

7) O desenvolvimento tecnológico, apresentado pelo Prof. CLAUDIO LUIZ HADDAD, da Fundação Getúlio Vargas.

8) O problema energético, exposto pelo engenheiro JUAN A. YAÑEZ, presidente da ESSO argentina e por FERNANDO MENDOZA, presidente da Câmara Petrolífera da VENEZUELA.

9) Conclusões.

Todas as exposições foram seguidas de debates.

POLÔNIA:
Exportações
brasileiras
aumentam

As vendas do Brasil para a Polônia vêm apresentando, de ano para ano, sensíveis incrementos, tendo passado de US\$ 24.055.594, em 1971, para US\$ 48.861.079, em 1973.

Em 1974, quando somente nos primeiros seis meses nossas vendas totalizaram US\$ 25.081.000, além dos produtos básicos tradicionais (café, castanha-d-Brasil, farelo de soja, algodão em rama, sisal em bruto etc.), foram os seguintes os produtos que mais se destacaram na classe de industrializados e manufaturados constantes de nossa pauta de exportações para a Polônia: manteiga de cacau, óleo de mamona, suco de laranja, carbonato natural de magnésio e câmaras de ar.

ARGENTINA:
Importações
ultrapassam
necessidades
do abastecimento

O Governo argentino decidiu suspender as importações, excetuando as de mercadorias em trânsito ou já em portos do País, ficando as restantes sujeitas a uma nova autorização do Banco Central.

O Ministério da Economia advertiu que as revalidações de pedidos para importar, no valor de 2,7 bilhões de dólares, somados às operações já realizadas durante este ano, superam as cifras de todo o ano de 1974.

Essas cifras — continua o documento — têm tal magnitude que ultrapassam as necessidades normais de abastecimento do País e evidenciam a "irresponsabilidade especulativa".

Alguns observadores assinalam que a decisão do Ministério da Economia é um passo antecipado do Plano de Conjuntura que está sendo estudado pela Presidente, o qual, segundo prevêem alguns jornais, poderá conter severas medidas para deter o processo inflacionário e estimular os investimentos.

HUNGRIA:
Comércio
com o Brasil
em expansão

Atualmente, o Brasil exporta para a Hungria: café, farelo e torta de soja, fios de algodão e lá, amendoim e óleo de mamona e importa aparelhos elétricos, linho, produtos químicos, têxteis, tratores e lâmpadas. Importou, recentemente, os conhecidos trens automotrizados fabricados pela Ganz-Mávag. Até julho de 1974, as compras húngaras no Brasil atingiram US\$ 20,9 milhões, correspondendo a um aumento de cento e quinze por cento sobre as compras de idêntico período do ano anterior. No ano todo, as vendas do Brasil somaram US\$ 49 milhões e as compras pouco mais de US\$ 14 milhões.

RAÇÕES BALANCEADAS

IRMOSAL

IRMOSAL - Bovino N.º 1
Ração balanceada para
manutenção de bovinos

IRMOSAL - Bovino N.º 2
Ração balanceada para
vacas leiteiras até 10 litros-dia

IRMOSAL - Suíno N.º 2
Ração balanceada para
crescimento e engorda de suínos



"IRMOSAL" - Indústria de Ração e Moagem de Sal S. A.

Av. Brasil, 12.698 - Rua Um, 66/66 - A - Mercado São Sebastião - S.I.F. N.º 477
Telefones 260-5561 e 260-5580 - Seção de Vendas 260-5560 - Escritório - Rio de Janeiro, GB.



ESTADOS UNIDOS: Marcação por congelamento

Eliminando a penosa marcação de gado pelo ferro em brasa, de qualidade inferior, o Dr. Keith Farrell, um veterinário do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, desenvolveu um novo método, fácil e eficiente, para identificação do gado. O novo processo consiste em marcar o gado por congelamento. Na foto à esquerda, um técnico retira de um recipiente contendo gelo seco e álcool uma barra-carimbo supercongelada. O local onde o animal vai ser marcado é previamente raspado, esfregando-se sobre ele uma solução de álcool. Aplica-se então a barra supercongelada que, em 10 ou 20 segundos, destrói as células produtoras de pigmentação na pele. A operação é absolutamente indolor. Na foto à direita, um cavalo aparece pastando tranqüilamente, minutos após haver sido submetido à identificação pelo novo processo do Dr. Farrell.

Japão intensifica negociações com o Brasil

Entre as nações em desenvolvimento, o Brasil é um dos países que mais atraem os capitais japoneses. Pela limitada extensão de seu território e pobreza em recursos naturais, o Japão se lançou ao comércio exterior, para suprir suas necessidades, tendo com isso alcançado uma economia altamente desenvolvida, com a renda per capita atingindo a US\$ 1.920. O Japão mantém um intenso regime de negociações, como é o caso de troca de produtos siderúrgicos por minérios, fibras sintéticas por petróleo, maquinaria por carvão e eletrodomésticos por alimentos. Além disso, os seus investimentos no exterior, lhe tem dado segurança quanto aos mercados fornecedores. Quanto ao nosso mercado, há 10 anos atrás o Japão ocupava um modesto sexto lugar e hoje ocupa um terceiro lugar bastante significativo para os dois mercados. A tendência é tornar-se ainda mais marcante a cada passo, pois há um perfeito entrosamento entre as duas modalidades econômicas.

Paraguai exporta mais em 1974

Em 1974, o valor das exportações do Paraguai alcançou a casa dos 150 milhões de dólares, contra 127 milhões em 1973, de acordo com o Banco Central.



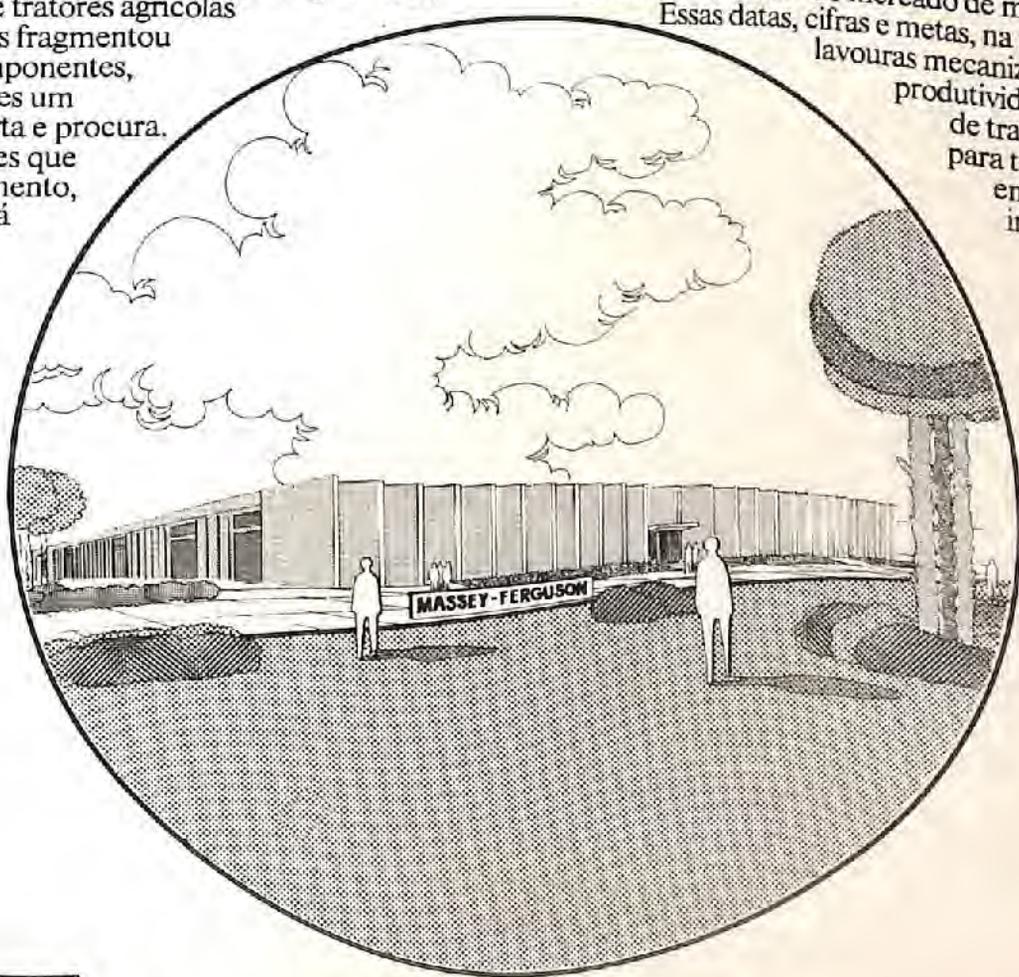
INGLATERRA: Secretários de Agricultura do Brasil assistem ao Royal Show

Quatro Secretários de Agricultura do Brasil são vistos na principal exposição agropecuária da Grã-Bretanha, o Royal Show, em companhia do Sr. Joseph Nickerson (centro), presidente da Nickerson Seed Company. São eles, da esquerda para a direita, Agripino Abranches Viana, de Minas Gerais; Getúlio Marcantônio, do Rio Grande do Sul; Luís Barreto Correia de Meneses Neto, de Goiás; e Paulo Ribeiro Carneiro, do Paraná. (FOTO BNS)

A Massey-Ferguson apresenta algumas datas e cifras muito importantes para a agricultura brasileira.

Em 1962, a Massey-Ferguson entregou o primeiro trator brasileiro, chegando ao 25.000º trator em 1969. Começou o ano de 1972 dobrando essa marca para 50 mil tratores e, apenas dois anos depois, entregou o seu 100.000º trator. De 1962 até este ano, a Massey-Ferguson completou um total de 120 mil tratores agrícolas, 160 mil implementos e 4 mil colhedoras. É assim que a Massey-Ferguson se mantém até hoje na liderança do mercado brasileiro de tratores. Formou mais de 5 mil técnicos no Centro de Treinamento de Lençóis Paulista e investiu 22 milhões de dólares em ativo fixo, nos últimos 4 anos. A partir de 1973, o desenvolvimento da nossa agricultura aumentou a procura de tratores agrícolas e a crise de suprimentos fragmentou o fornecimento de componentes, criando estes dois fatores um desequilíbrio entre oferta e procura. Mesmo assim, e antes que se normalize o fornecimento, a Massey-Ferguson está

investindo numa nova fábrica em Sorocaba e brevemente iniciará a construção da fábrica de colhedoras de cana em Lençóis Paulista, demonstrando sua confiança nos planos de expansão do governo. A fábrica de Sorocaba ocupa uma área de 680 mil m² e se dedicará à produção exclusiva de tratores industriais permitindo que a fábrica de São Paulo se dedique também com exclusividade, à produção de tratores agrícolas. Esta fábrica estará montando as primeiras unidades antes do fim do ano e, junto com a de São Paulo e do Rio Grande do Sul, levará a Massey-Ferguson à sua próxima etapa: atender a demanda crescente do mercado de máquinas agrícolas. Essas datas, cifras e metas, na prática, significam lavouras mecanizadas, aumento de produtividade, novas frentes de trabalho e benefício para todos os brasileiros envolvidos direta ou indiretamente com a agricultura.



Massey-Ferguson do Brasil S.A.

mfm-cb

